

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Antropologia

Bairrista e Multicultural: imagens da Mouraria em Lisboa

Maria Helena Calçarão Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia na especialidade de
Imagem e Comunicação

Orientador(a):
Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar com Agregação,
Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL

setembro, 2013

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem as intervenções, contributos e comentários que recebi e que muito me ajudaram a rumar e a consolidar o caminho mais correto.

À Professora Graça Cordeiro quero agradecer ter orientado esta dissertação e a sua disponibilidade.

Agradeço também à Professora Catarina Frois pelo seu incondicional apoio.

Quero também agradecer à minha amiga Simone Marques que gentilmente me ajudou a encaminhar todo este processo.

Por fim, à família, amigos e colegas de licenciatura quero agradecer pelo apoio e incentivo com que me apoiaram sempre, neste meu percurso académico.

Não quero deixar de agradecer a todos, os que de uma maneira ou de outra, me ajudaram a conseguir o meu objetivo.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

Esta dissertação tem por base uma pesquisa antropológica cuja temática central se desenvolve em torno da análise de duas das imagens associadas ao bairro da Mouraria em Lisboa: *bairrista e multicultural*.

Será que um bairro conhecido pela sua multiplicidade étnica, quer a nível residencial quer a nível comercial, poderá estar a perder a sua identidade de bairro “típico e popular” de Lisboa e a consolidar por fim uma imagem multicultural?

O bairro está a passar por uma fase de transformação a vários níveis. Projetos de requalificação, reabilitação urbana e revitalização, estão na base de uma nova imagem da Mouraria, que se quer cosmopolita, moderna e aberta ao turismo. Numa altura em que tanto se fala de diversidade cultural e onde a identificação e a integração do “Outro” são fatores essenciais para as cidades contemporâneas, será que a imagem multicultural se está a sobrepor à bairrista? Existe algum tipo de relação entre elas?

A análise de estas duas imagens é feita a partir da observação de dois eventos que ocorrem no bairro: A Marcha da Mouraria (lado bairrista) e o Festival TODOS-Caminhada de Culturas (lado multicultural).

Palavras-Chave: Antropologia Urbana; Imagens; Bairrismo; Multicultural; Lisboa.

ABSTRACT

This thesis is based on anthropological research whose central theme revolves around the analysis of two images associated with Mouraria, the Moorish quarter in Lisbon: *popular* and *multicultural*.

May a neighborhood known for its ethnic multiplicity, both at residential and commercial level, be losing its identity as a typical and popular Lisbon quarter and finally consolidating a multicultural image?

The neighborhood is undergoing a moment of transformation at various levels. Regeneration projects, urban renewal and revitalization, are the basis of a new image of the Moorish quarter, which one wants cosmopolitan, modern and open to tourism. At a time when there's so much talk on cultural diversity and on how essential the identification and integration of the "Other" are to contemporary cities, is Mouraria's multicultural image overriding its popular one? And is there any relationship between them?

The analysis of these two images is done through the observation of two events that occur in this urban quarter: The March of the Moorish quarter (popular side) and TODOS - Walk Festival of Cultures (multicultural side).

Keywords: Urban Anthropology; Images; Parochialism; Multicultural; Lisbon.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Definição do objeto de estudo e sua relevância	2
Objetivos e Metodologia	3
Estrutura da dissertação	5
CAPÍTULO I – Mouraria, 900 anos de História	7
1.1 Gênese de um bairro multicultural	9
1.2 De <i>arrabalde</i> a bairro <i>popular e típico</i> de Lisboa	11
1.3 Um “território psicotrópico”	13
CAPÍTULO II – Um bairro em mudanças: um olhar antropológico	17
2.1 Requalificação e reafirmação do Património, Identidade e Símbolos e a sua importância	18
2.2 Valorização do passado e da memória coletiva através do Património Cultural (Material e Imaterial)	21
2.3 Mobilidade, fluxo, e migrações contemporâneas: o conceito de <i>etnopaisagens</i>	24
2.4 Regeneração urbana dos centros históricos: o processo da <i>gentrificação</i>	25
CAPÍTULO III – Bairrista e Multicultural	29
3.1 – Complexidade do conceito de <i>bairro</i> e a dificuldade na sua delimitação	31
3.1.1 Lisboa, a cidade de bairros populares	33
3.1.2 Sociabilidade e Bairrismo	34
3.1.3 Festas de Lisboa: A Marcha e os Santos Populares na Mouraria	38
3.2 – Diversidade Cultural e Multiculturalismo	44
3.2.1 “Dois lados” do multiculturalismo	45
3.2.2 Um bairro caracterizado pela imigração	46
3.2.3 Integração/Socialização/Aculturação	48
3.2.4 Apropriação do espaço urbano	50
3.2.5 Retrato contemporâneo da Praça do Martim Moniz	52
3.2.6 Um exemplo de partilha multicultural: Festival TODOS – Caminhada de Culturas	53

CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
BIBLIOGRAFIA	63
FIGURAS	69

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1 – Das metáforas às imagens da Mouraria

Quadro 2 – Portugal Política de Cidades POLIS XXI 2007/2013

Quadro 3 – População estrangeira a residir em Portugal em 2011

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 – Mapa com as duas cercas: Cerca Velha e a Cerca Fernandina

Figura 2 - Fotografia do restauro de uma torre da Cerca Fernandina (do que resta dela)

Figura 3 - Mistura de símbolos multiculturais

Figura 4 - Capa da revista “Time Out Lisboa”, de 18 a 24 de julho de 2012

Figura 5 - Monumento evocativo à Mouraria como “Berço do Fado”

Figura 6 - Figura alusiva à antiga cerca e aos soldados que ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos Mouros

Figura 7 - Azulejo com diversas caligrafias, dentro da estação do Martim Moniz

Figura 8 – Símbolo do ano chinês de 2013, a serpente

Figura 9 - Diferentes escalas urbanas de uma cidade

Figura 10 – Arruamentos da Junta de Freguesia de Santa Justa

Figura 11 – Área geográfica da Junta de Freguesia de Santa Justa

Figura 12 – Arruamentos da Junta de Freguesia de São Cristóvão e São Lourenço

Figura 13 - Área geográfica da Junta de Freguesia de São Cristóvão e São Lourenço

Figura 14 - Arruamentos da Junta de Freguesia do Socorro

Figura 15 - Área geográfica da Junta de Freguesia do Socorro

Figura 16 – Mapa da cidade de Lisboa incluindo as três freguesias onde o bairro da Mouraria faz parte. A preto a freguesia do Socorro, a azul a freguesia de São Cristóvão e São Lourenço e a vermelho a freguesia de Santa Justa. A verde o que é considerado pelos residentes como sendo o núcleo do bairro do Socorro.

Figura 17 – Notícia “MyNeighborhood” (1ª e 2ª parte), Jornal I de 26 de fevereiro de 2013

Figura 18 – Diário de Lisboa de Domingo (12 de junho de 1932)

Figuras 19 e 20 - Fotografias dos ensaios das marchas populares de 2013 da Mouraria

Figura 21 – Crianças a imitar os seus parentes na coreografia das marchas populares de 2013

Figura 22 – O entusiasmo do público

Figura 23 – Carrinha a descarregar mercadorias, à porta do C.C. da Mouraria

Figura 24 – Mercado da Fusão na Praça no Martim Moniz

Figuras 25 e 26 – Fotografias de restaurantes temáticos, na Praça do Martim Moniz

Figuras 27 e 28 – Evento gastronómico (do festival TODOS de 2010) de vários países –Japão e Cabo Verde

Figura 29 – Fotografia da Orquestra TODOS, num evento em 2013, no Intendente

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

APC – Academia de Produtores Culturais

ARM – Associação Renovar a Mouraria

CML – Câmara Municipal de Lisboa

EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural

GDM – Grupo Desportivo da Mouraria

GLEM – Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos

LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil

OP – Orçamento Participativo

PA – Plano de Ação

PDCM – Plano de desenvolvimento Comunitário da Mouraria

QREN – Quadro de Referência Estratégica Nacional

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

INTRODUÇÃO

Devido à sua complexidade, as cidades são há muito tempo alvo de estudo e de debates multidisciplinares, sendo por isso o palco e o cenário onde melhor se compreende a sociedade contemporânea. A antropologia, habituada a outros objetos de estudo, confronta-se agora com novos problemas, novas teorias, novos conceitos e os desafios deles decorrentes.

A antropologia urbana é, assim, um encontro entre a cidade, a vida urbana e os seus problemas, apresentando como principal eixo condutor para a sua investigação o método etnográfico. No âmbito de investigação da antropologia urbana, os bairros considerados típicos são um dos objetos de estudo mais apetecíveis daquilo que a cidade tem de mais característico.

Lisboa é uma cidade de bairros típicos e populares, contudo, e como diz Graça Cordeiro “Só alguns bairros mais antigos (...) parecem ter o privilégio de representar Lisboa” (1997:21). Todos os bairros têm as suas particularidades, mas o bairro da Mouraria devido ao seu património histórico, social e cultural é uma das zonas consideradas mais representativas da cultura popular que contribuem para a identidade da urbe.

A perceção que os sujeitos têm de um determinado lugar está relacionada com as singularidades ou o particularismo que lhes atribuem. As imagens são disso um bom exemplo. Fatores externos ou internos que influenciam a criação dessas imagens são a *cara* de um espaço que desta forma se mostra ao público, consolidando a sua identidade.

Bairrista e Multicultural são duas das imagens mais genuínas que o bairro da Mouraria nos apresenta e fazem parte do objeto de estudo desta dissertação.

Creio que o bairrismo pode ser definido como um forte apego ao bairro. Uma competição feroz e firme (mas ao mesmo tempo salutar) é travada pelo primeiro prémio do concurso das Marchas Populares. Esta rivalidade entre bairros faz despertar o espírito bairrista dentro de muitos dos habitantes do bairro.

Já o multiculturalismo é associado aos primórdios deste bairro, assente na diversidade étnica e religiosa ao longo dos tempos. Atualmente é um dos bairros com mais imigrantes a residir e com uma forte concentração de lojas propriedade de imigrantes chineses, indianos e indivíduos vindos do Bangladesh (entre outros), o que confere a certas zonas do bairro¹, uma enorme diversidade cultural. Esta multiplicidade étnica pode ser vista como fator de desenvolvimento (Lisboa cidade hospitaleira e aberta ao mundo) ou como fator de ameaça à identidade cultural.

¹ Nomeadamente, Rua do Benfornoso, Centro Comercial Mouraria e do Martim Moniz.

Diria que o bairro da Mouraria foi um pouco abandonado à sua sorte sem que ninguém lhe desse a mão. A sua deterioração a nível urbanístico e a nível populacional estava bem patente aos olhos de todos os lisboetas, que assim foram formando imagens negativas em relação a este espaço.

Presentemente o bairro encontra-se sob execução do Plano de Ação QREN “Mouraria: as cidades dentro da cidade”. Este projeto de revitalização do bairro pretende abrir o bairro aos lisboetas e aos turistas, ao mesmo tempo que tenta eliminar o estigma em que se encontra envolto este espaço segregado e esquecido, quer pelas entidades públicas quer privadas. Um retorno ao bairro perdido no tempo parece estar a acontecer, com a requalificação urbana e com as aberturas de novas lojas, novos cafés e novos espaços de cultura.

Definição do objeto de estudo e sua relevância

O projeto de revitalização do bairro da Mouraria atualmente em curso abrange várias atividades socioculturais onde o tema da multiculturalidade é um dos focos principais. Uma nova imagem da Mouraria está a ser implantada, uma Mouraria cosmopolita, moderna, à imagem de bairros de tantas outras capitais europeias.

Numa altura em que tanto se fala de diversidade cultural, direitos iguais para todos e onde a identificação e a integração do “Outro” são fatores essenciais para as cidades contemporâneas, poderá a imagem multicultural estar a ganhar terreno face às outras, neste caso à bairrista, no caso do bairro da Mouraria em Lisboa? Esta é a questão central da dissertação. Haverá algum ponto onde elas se intersetam ou interligam? Ao analisar estas duas imagens pretendo compreender como elas são hoje vistas e perceber como se encaixam no bairro.

Num mundo globalizado, faz sentido ainda pensarmos no “Outro” com desconfiança, preconceito ou medo? As atividades que estão a decorrer no bairro, como o Festival TODOS – Caminhada de Culturas, assumem-se como iniciativas para mostrar que cada etnia tem a sua própria cultura, ao mesmo tempo que visam modificar a imagem do bairro.

A par destas iniciativas, torna-se igualmente pertinente questionar até que ponto um projeto de revitalização de um bairro, como aquele que está em curso na Mouraria, pode afetar ou não a imagem deste.

Perante tanta diversidade de imagens e representações, considera-se fundamental abordar o bairro tanto como espaço físico na sua componente histórica, como espaço que configura

práticas sociais das quais fazem parte os seus utilizadores, sejam eles residentes, comerciantes ou simples transeuntes. Esta abordagem justifica-se pois são essas mesmas práticas sociais que estão na base da construção das imagens do bairro e tentar reverter as imagens pode ser uma tarefa difícil.

Torna-se igualmente interessante perceber se esta divulgação massiva do bairro da Mouraria não passa de uma estratégia de *marketing* dos agentes imobiliários e do Município para chamar residentes – processo de *gentrificação* - para o centro da cidade ou, melhor dizendo, para um bairro histórico antes esquecido pelos lisboetas.

Objetivos e Metodologia

O âmbito da presente dissertação é entender e analisar duas imagens associadas ao bairro da Mouraria em Lisboa: Bairrista e Multicultural, tentando perceber se o multiculturalismo está a se destacar mais que o bairrismo. Procurando responder às questões levantadas, foram analisados dois eventos que ocorrem no bairro e que, a meu ver, são ilustrativos dessas mesmas imagens:

- A Marcha Popular da Mouraria - Este evento foi escolhido devido ao seu carácter bairrista
- O Festival TODOS – Caminha de Culturas – Este evento foi selecionado devido ao seu carácter multicultural, uma vez que integra diversos espetáculos, eventos e *workshops* que exibem a diversidade cultural existente no bairro.

Os ensaios da marcha decorrem no Grupo Desportivo da Mouraria. Após um pedido formal, numa entrevista, à vice-presidente do GDM, foi-me autorizada a presença para assistir aos ensaios da marcha. Durante todos os dias, a partir de fins de abril de 2013 até aos últimos dias de ensaios, das 21h30 às 23h, acompanhei os marchantes que ensaiavam os passos da Marcha. Esta observação foi realizada com recurso a fotografias e a pequenos diálogos com o disc jokey (que ia colocando as músicas conforme o pedido do encenador), que era o presidente da GDM, sobre a marcha e todo o seu historial. Não utilizei o gravador pois ir-se-ia sobrepor às músicas. Apenas registei excertos que achei mais relevantes e informações importantes.

O Festival TODOS – Caminhada De Culturas realiza-se em setembro e por isso no ano de apresentação da dissertação não terei oportunidade de o descrever, todavia observei-o

durante os dois últimos anos (2011 e 2012). Tive a colaboração do Senhor Miguel Abreu que foi o “fundador” deste evento, e presidente da Academia de Produtores Culturais (APC), que me respondeu a algumas dúvidas e questões (através de troca de mails, pois não houve oportunidade de um encontro devido à sua agenda muito preenchida), que muito me ajudaram a completar e a reunir toda a informação desde a sua formação até à preparação do evento desde este ano (2013).

Organizei o meu trabalho pelos seguintes tópicos e segundo a seguinte ordem: 1) Tentei reunir toda a informação bibliográfica sobre o bairro e sobre algumas personagens mais peculiares - são elementos importantes para se perceber as raízes do bairro da Mouraria; 2) Identifiquei e limitei a minha área de estudo. Embora complicado, tentei mapear o bairro segundo o seu núcleo e as principais artérias; 3) Identifiquei alguns dos atores sociais (residentes, comerciantes e associações culturais) mais significativos do bairro e “dei-lhes voz”. É essencial ouvir sempre estes personagens pois eles representam um instrumento de elevado potencial no processo de cognição, reflexões e observâncias que por vezes o investigador não descortina; 4) Por fim, explorei alguns conceitos contemporâneos - como *gentrificação* e *etnopaisagens* - analisando-os consoante a sua adequabilidade ao objeto em estudo.

Ao princípio ainda construí um questionário como instrumento de recolha e avaliação de informação, onde tinha questões de resposta aberta e fechada. Depois de ter aplicado cerca de 10, apercebi-me que, e a meu ver, ele tinha algumas desvantagens. Era muito formal para mim uma vez que, quase não tinha contacto com as pessoas: eu entregava o questionário a pessoas que estavam num café ou numa loja e passado um tempo ia recolher. Não era isso que eu tinha em mente, queria um outro tipo de contacto, então comecei eu própria a ler as perguntas às pessoas e eu própria a escrever as respostas. Porém ainda não estava satisfeita: enquanto escrevia as respostas, as pessoas inquiridas distraíam-se e eu comecei a achar que aquele método também não era o apropriado. Finalmente coloquei o questionário de lado e, nas minhas pesquisas de terreno, metia conversa com os residentes ou com os comerciantes (por estas razões, não inseri um exemplar do questionário no fim da tese). Achei que esta metodologia me aproximava mais das pessoas e desta forma conseguia obter tanto as respostas como as reações das pessoas que estavam a ser questionadas. Para mais, não tinha que seleccionar as pessoas, não tinha que me preocupar com que tipo de perguntas iria colocar, com o tema, nem se iria conseguir ler a caligrafia e a conversa fluía do tema da dissertação, passando pelo desporto e acabando na política, num estilo muito mais informal.

Pode não ser o melhor procedimento, mas foi o que eu encontrei para “entrar” tanto na comunidade imigrante, que ao princípio me via como sendo da fiscalização ou do controle aos imigrantes e fugiam de mim, como dos moradores mais antigos que no início se mostravam algo apreensivos face ao questionário. Outros fatores que me levaram a optar por este sistema foram, por um lado a enorme taxa de população envelhecida do bairro que tem extrema dificuldade em conseguir ler e já não tem muita paciência para este tipo de ocorrência; por outro lado, a baixa habilitações académicas dos inquiridos que tinham dificuldade em perceber as perguntas ou em dar uma resposta com coerência.

Espero ter conseguido o objetivo a que me propus, pois dispunha de pouco tempo para a realização do trabalho de terreno, o que me limitou e me levou a realizar um trabalho condensado.

Estrutura da dissertação

O presente estudo principia com a Introdução que inclui a definição do objeto de estudo e a sua relevância, objetivos e metodologia e a estrutura da dissertação. Sucedem-se três Capítulos, onde o primeiro é meramente introdutório à história do bairro da Mouraria, seguido do Capítulo II onde são levantados debates contemporâneas e novas configurações do espaço urbano sob um olhar antropológico e finalmente o Capítulo III subdividido nos dois temas principais da dissertação, onde o 3.1 é exclusivo para a análise da imagem *Bairrista* e o 3.2 virado para a imagem *Multicultural*.

Segue-se a Conclusão que encerra as questões iniciais da problemática que me levou a realizar esta dissertação.

“Pode-se mesmo dizer que a Mouraria é não só a imagem de marca da freguesia, mas de toda a cidade de Lisboa que fazem dela um dos ex-líbris da Capital.”

(Mendes,1996:19)

CAPÍTULO I – Mouraria, 900 anos de História

O bairro da Mouraria foi concedido aos “mouros vencidos” aquando da tomada da cidade de Lisboa por D. Afonso Henriques em 1147, que os expulsou, concedendo-lhes este local “(...)mouros e judeus que não deixaram a cidade tiveram que residir semi-enclausurados numa «communa» ou «arrabalde»” (Menezes, 2001:41).

Este lugar abrange uma vasta área que se estende desde a colina do Castelo, passando pela Graça até à Praça do Martim Moniz. Antigamente um tentáculo do rio Tejo não andaria muito longe deste local, tendo em conta “A tradição da olaria implementada por Romanos e Mouros e a posterior fixação de mestres desse ofício naquele arrabalde” (Mendes, 1996:13).² Este bairro é por muitos considerado um dos lugares mais místicos e antigos, fazendo parte da fundação da cidade de Lisboa.

Esta área geográfica preenche a vertente poente a norte da colina do Castelo e é marcada por uma topografia acidentada, resultante da sua integração na encosta. Os declives trazem problemas de circulação e de acessos, conduzindo a uma implementação urbanística própria. Exemplo disso é a existência de longas escadarias e de ruas com um elevado grau de inclinação.

A memória desses tempos ainda está bem presente atualmente, quer na apertada “malha urbana medieval” (Menezes, 2001:136) típica das cidades árabes - com o seu traçado sinuoso e irregular, ruas estreitas, becos e edifícios de pequenas dimensões - quer nos nomes das ruas que ainda hoje perduram: Rua da Mouraria, Rua das Olarias, Rua da Amendoeira, Beco do Jasmim ou o Poço do Borratém.

As muralhas do Castelo percorriam uma extensa área daquilo que nós hoje podemos testemunhar ao vivo. A Lisboa Mourisca incluía a Cerca Moura também conhecida por Cerca

² Para a realização da olaria é preciso haver terrenos férteis em argila e abundância de água.

Velha, onde se situava a alcáçova³, a medina⁴ e uma malha urbana desordenada com percursos labirínticos feitos com o propósito de defesa da cidade.

O bairro da Mouraria era ocupado principalmente por campos agrícolas, onde recorria abundância de água para a rega das suas colheitas. Estas destinavam-se a abastecer a cidade intramuros, o que proporcionava uma interação entre cristãos e muçulmanos nas trocas comerciais.

A expansão populacional que extravasava os limites da Cerca e a perda da sua função defensiva originaram a construção de uma nova Cerca designada de Fernandina⁵. Esta foi delineada para nascente e poente, ficando no seu meio a Cerca Velha (ver Figura 1).

Da Cerca Fernandina permanece ainda um excepcional vestígio de uma torre, do lado poente da Praça do Martim Moniz junto ao empreendimento da EPUL (ver Figura 2).

O bairro da Mouraria sofreu pouco, comparativamente com outros lugares, quando em 1755 a cidade de Lisboa foi atingida pelo terramoto. Ainda hoje podemos encontrar exemplos de prédios pré-pombalinos no bairro (anteriores ao terramoto), assim como exemplares de prédios de ressalto⁶. Esta catástrofe natural foi o ponto de viragem urbanístico na capital, ao introduzir um inovador plano urbanístico planificado, de ruas alinhadas, onde a simetria foi o elemento estruturador. Os limites da cidade foram então alargados e romperam-se novas vias de circulação. Começava assim uma nova era.

A Mouraria é considerada atualmente o berço do fado, resultado da figura de Maria Severa Onofriana (1820/1846) que iniciou a “arte de interpretar” o fado, de Fernando Maurício (1933/2003), outro fadista que deliciou as muitas casas de fado por onde passou e de muitos outros que se seguiram. Duas das personagens que por aqui nasceram e/ou moraram e que fazem parte da biografia do bairro.

Ao longo do tempo, o bairro foi acumulando imagens, que se enraizaram profundamente na representação deste lugar: o seu passado mourisco, o fado, as suas personagens, as atividades ilegais, entre outras tantas, criaram um conjunto de fatores históricos, socioeconómicos e culturais, juntamente com outros bairros da cidade de Lisboa, dando

³ Alcáçova era a zona palaciana e onde se situava o castelo.

⁴ Medina era a zona residencial e comercial.

⁵ O nome da Cerca deveu-se ao mandatário da sua construção, D. Fernando, século XIV. Na altura albergava toda a população da época.

⁶ Exemplar na Rua do Benfornoso, 101-103. Datando do século XVII (ou talvez antes), bem conservado e ainda habitável, anterior ao terramoto do ano 1755 que abalou Lisboa.

origem a uma “mitologia local” abrangendo os vários bairros que usufruem destes elementos, “designados por *populares e típicos*” (Cordeiro,1997:22).

Ao longo do século XIX, é costume dizer-se que a vadiagem e a prostituição caracterizavam este lugar, incluindo-o no mapa da Lisboa boémia, tendo como “especialidades” a prostituição e os bares de alterne.

Sendo um dos bairros mais antigos da capital e estando situado no núcleo histórico da cidade de Lisboa, tornou-se necessário a requalificação e “purificação” da sua imagem. Foram efetuadas várias intervenções de requalificação do bairro, mas com reduzido impacto na visibilidade de uma nova imagem.

Atualmente o bairro tem em curso dois planos de intervenção de requalificação - QREN Mouraria e o Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria - com objetivos partilhados que se complementam e dos quais falarei mais à frente. Estas obras constituem um processo de embelezamento de uma parte significativa do bairro, numa procura de chamar os lisboetas, os turistas e novos residentes a um dos lugares mais emblemáticos da capital.

1.1 Génese de um bairro multicultural

Com a sua privilegiada localização geográfica, Lisboa foi uma cidade que resultou da miscigenação de vários povos que por aqui passaram e se estabeleceram. Por ela passaram Fenícios, Suevos, Visigodos, entre outros, que ao longo dos tempos deixaram a sua marca na história da Olisipo.⁷

As duas linhas de água que percorriam esta área (correspondentes ao eixo Arroios – Anjos – Mouraria designado por Regueirão dos Anjos, e ao eixo São Sebastião – Santa Marta – São José – Portas de Santo Antão)⁸ fixaram os Mouros que eram mestres na arte da olaria. Tratando-se de um sítio fértil em barro, predominavam os produtores de louça deste tipo de material.

No século XIX, o crescente afluxo de imigrantes vindos do interior do País para o centro estimulado por um surto de oferta de emprego fabril, causou uma forte procura habitacional. A população mais desfavorecida adequou-se a deprimentes condições de alojamento, albergando no bairro as habitações mais precárias. O passado do bairro ligado à atividade

⁷ Olisipo foi o nome que os Romanos deram a Lisboa aquando da sua passagem por esta cidade.

⁸ Informação retirada de um trabalho do IST sobre a “Avaliação das Condicionantes Naturais na Ocupação Urbana – Cidade Lisboa “ (Mouraria)

agrícola e a sua ligação às atividades laborais, fizeram com que neste lugar predominasse a população laboriosa, humilde e com baixos rendimentos, o que por sua vez, afastou as classes mais abastadas. Talvez fossem estes alguns dos fatores que aliciaram, ao longo dos tempos, um enorme fluxo de imigrantes vindos de todo o mundo, no que viria a constituir no presente um espaço mais multicultural da capital.

“A par das gentes de ofícios e serviços, e do baixo nível socioeconómico da população do bairro, a Mouraria logo se tornaria um bairro mal afamado, infame e tempestuoso, por causa da gente de *vida parasitária* e das *desordeiras*, sendo exemplo dessa condição as prostitutas e o tipo fadista” (Menezes, 2012:75).

A proximidade ao rio e ao centro da cidade fez com que algumas famílias burguesas e de alta sociedade aqui viessem fixar residência e conviver com a população de baixos rendimentos, apesar da má reputação do bairro. Este fato originou uma comunidade mais heterogénea (Rodrigues, 2012: 77).

É possível encontrar-se ainda hoje na Mouraria um conjunto de casas apalaçadas, de que é exemplo o Palácio da Rosa. “Poucos palácios de Lisboa terão uma história tão longa; poucos terão pertencido, através de tantos séculos, a uma única família, passando de geração em geração até aos nossos dias. De todas as casas nobres da cidade o Palácio da Rosa impõe-se, assim, pela sua antiguidade” (Andrade, 1957: 51). Este palácio foi um dos poucos edifícios a ter uma destruição considerável com o terramoto de 1755.

Várias ordens religiosas (jesuítas e outras) também por aqui passaram até à sua extinção, deixando imponentes conventos e igrejas. A Igreja de S. Lourenço “É um dos tempos mais antigos de Lisboa (...) foi, decerto, das primeiras edificações religiosas que, para além das muralhas da cidade, se ergueram como uma afirmação do desenvolvimento da urbe” (Andrade, 1957: 66).

O panorama do bairro altera-se de modo mais evidente nos anos 1970/80 com a chegada de imigrantes de vários países, que se instalaram a nível habitacional e comercial, abrindo lojas de comércio de revenda. Esta imigração não mais parou de aumentar até aos nossos dias.

Giacomo Ferro (2012:20) realça que:

Nos últimos cinquenta anos o território foi atingido por um fenómeno massivo de imigração de indivíduos provenientes da Índia, da China e de África que estabeleceram lá o centro das suas vidas económicas e sociais. Isto veio reforçar a “ideia” de a zona ser um lugar “acolhedor da diversidade” e aumentou os preconceitos ligados a questões de falta de segurança e perigo.

Percorrer a rua do Benfornoso ou entrar num dos Centros Comerciais que se encontram na zona é colocar à prova e testar alguns dos nossos cinco sentidos: a audição quando

captamos línguas diferentes; a visão quando vemos pessoas de outras proveniências, comportamentos ou cores; o olfato quando identificamos cheiros e odores; e o paladar quando experimentamos gastronomia “diferente da nossa”.

E não é só esta diversidade dos cinco sentidos que é colocada à prova, mas todo um universo que está ao nosso alcance sem sair do mesmo bairro. A globalização rompeu as fronteiras, colocando em circulação pessoas, bens e serviços, e conduzindo a uma padronização que deu origem a uma fusão multicultural.

A interculturalidade existente no bairro, onde as culturas de diferentes países como a Índia e Portugal se misturam, articulam e convivem, está bem patente aos nossos olhos. Num curto passeio pelo bairro deparamo-nos com um cabeleireiro hindu, na rua do Capelão. Lá dentro avista-se de imediato um cachecol da seleção portuguesa pendurado na parede, junto a um retrato da imagem da Nossa Senhora de Fátima ao lado da representação da divindade Ganexa⁹. Uma mistura de símbolos que expressa um entrelaçamento de culturas (ver Figura 3).

1.2 De arrabalde a bairro popular e típico de Lisboa

“Cada bairro tem a sua vida própria, a sua autonomia, a sua linhagem, a sua história, o *fácies* característico da sua arquitectura e o traçado dissemelhante das suas ruas; o pitoresco natural, inconfundível, que é o seu melhor brasão de armas e a alegria própria que é o encanto subjectivo da sua gente, tão diferente de burgo para burgo como de cidade para cidade” (Andrade, 1957:49).

As histórias deste bairro são muitas, começando logo pelo seu nome: Mouraria - um arrabalde destinado aos “mouros vencidos”. O bairro era conhecido como sendo um gueto¹⁰ afastado do resto da cidade, mas com o tempo a população aumentou e extravasou as muralhas apropriando-se das zonas em redor (Ferro, 2012:19). Apesar dessa expansão da cidade e consequente urbanização dos espaços agrícolas, este lugar manteve a cicatriz que o caracterizava (Menezes, 2001:81).

Todo o seu envolvente histórico e social propiciou a construção de um imaginário coletivo, que foi recriando e alimentando representações endógenas e exógenas. O falar-se do bairro da Mouraria remete para lembranças de indivíduos, comportamentos e factos (Ferro,

⁹ Ganexa é uma divindade Hindu representada pela cabeça de um elefante

¹⁰ Gueto – lugar onde habitam uma determinada etnia ou grupos sociais minoritários

2012:22), e é-se forçado a falar um pouco de tudo o que o abarca. Um passeio pelo bairro é reviver um passado culturalmente assumido:

O encanto da freguesia, mais conhecida por Mouraria, é global, é feito de mil detalhes: o traçado labiríntico das ruas e vielas, a singeleza dos seus pátios e vilas, o colorido das roupas nos estendais, as suas tradições fadistas que nos recordam a «Severa» e tantos outros fadistas que pelas vielas do Capelão fizeram ouvir os seus cantares (Mendes, 1996:7).

Há personagens que ajudaram a consolidar imagens e duas dessas fazem parte desta história mítica e simbólica: Martim Moniz e a Severa. Diz a lenda que o primeiro entalou deliberadamente o seu corpo numa das portas do castelo de forma a facilitar a entrada dos soldados, ajudando D. Afonso Henriques a conquistar a cidade de Lisboa aos árabes em 1147. A segunda Maria Severa Onofriana começou a interpretação o fado pelas tabernas dos bairros populares da cidade, com a sua voz imponente. Histórias verdadeiras, mitos ou lendas, o certo é que o bairro, a cidade e o país não os esqueceram.

O bairro da Mouraria tornou-se num dos chamados bairros populares. “No seu conjunto, representam realidades contrastadas, com diferentes inserções históricas, ecológicas, sociais e culturais na cidade-mãe, com tamanhos variáveis, níveis de coesão diversos, ocupando, além disso, um lugar próprio na hierarquia mítica do imaginário lisboeta” Graça Cordeiro (1997:21).

Todo este imaginário coletivo concebido interna e externamente ao bairro, potenciou “a criação de uma tradição popular, ligada ao povo e à realidade social do lugar” (Ferro, 2012: 23). O Estado Novo encontrou uma forma de materializar esse simbolismo, designado por Daniel Melo de “folclorização do Estado Novo Português”¹¹, através da instituição das Marchas Populares. Esta manifestação da cultura popular traduziu-se numa competição saudável entre os bairros populares de Lisboa, que competiam entre si por um lugar no pódio. A população de cada bairro unia-se e apoiava a sua marcha, o que funcionava como instrumento identificador: “se é verdade que as pessoas se juntam por já estarem identificadas, não é menos certo que o ajuntamento celebrativo favorece a identificação” (Teixeira, 2010:19).

Muitas são as representações que se podem associar e catalogar a este bairro. Marluci Menezes no quadro em baixo representado, intitulado “Das metáforas às imagens da Mouraria” apresenta-nos vários conceitos que segundo a mesma se enquadram dentro de quatro grupos: Má Fama e Tipicidade; Complicado / Contraditório; Multiculturalidade /

¹¹ In http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=602500&page=-1

Multietnicidade; e Cultura. É um conjunto de atributos que percorre toda a história do bairro. É um bom resumo das várias metáforas e imagens associadas a um único lugar, que assim alimentam o simbolismo em torno de um bairro típico e popular de Lisboa.

Quadro 1 – “Das metáforas às imagens da Mouraria”¹²

MÁ FAMA E TIPICIDADE	COMPLICADO / CONTRADITÓRIO	MULTICULTURALIDAD E / MULTIETNICIDADE	CULTURAL
Vício	Insalubridade	Lenda de Martim	Culturas
Miséria	Falta de civilização	Moniz	Todos
Tempestuoso	Crime	Centro Comercial (da	Práticas antigas
Prostituição	Desordem pública	Mouraria e do Martim	Património material
Descaracterizado	Marginal	Moniz)	Património imaterial
Fado	Ilegalidades	Mistura social	Gastronomia árabe
Fadista	Gueto	Convívio multiétnico	Gastronomia galega
Bairrismo	Vale dos vencidos	Mundos	Internacional
Antigo	Texas	Mundo português	
Festas populares	Chaga Social	Espaço plural	
Marcha	Insegurança	Outros	
Procissão	Prostituição	Cosmopolita	
Pitoresco (ruas e edifícios)	Sem-abrigo	Outra geografia	
	Sem papeis	Fragrâncias e Odores	
	Imigrantes	Cores	
	Toxicodependentes /	Paladares	
	Traficantes		
	Degradação do		
	parque edificado		
	Precariedade social		
	Sujidade		

Fonte: Marluce Menezes (2012:89)

1.3 Um “território psicotrópico”¹³

“Falar, ouvir, pensar em Mouraria sugere um conjunto de imagens heterogéneas que transitam entre a ideia de tipicidade e cultura popular, marginalidade e perigo, multiculturalidade e multietnicidade” (Menezes, 2001:39). Esta citação expressa bem as várias imagens e representações que podemos associar a este bairro. Vários fatores contribuíram para a criação destas imagens, com conotações mais negativas que positivas.

Desde logo, este bairro foi destinado aos “mouros vencidos”, aos “outros”, uma imagem carregada de negatividade. A sua topografia acidentada conferiu-lhe um desenho urbanístico fechado sobre si próprio, onde proliferou a prostituição, o consumo e tráfico da droga, atos de vandalismo, comportamentos marginais, insegurança e frequentes assaltos. A constante vaga

¹² Título usado pela autora do quadro

¹³ Termo usado por Luís Fernandes no livro “O sítio das drogas”, de 1998.

de imigrantes de várias etnias que se instalaram, quer habitacional quer comercialmente, contribuiu para aumentar a imagem negativa do bairro, uma vez que se associa o “Outro” ao desconhecido, logo à perigosidade. Um elemento negativo atrai outros, o que contribuiu para a forte carga negativa associada ao bairro.

Contudo, estas representações também foram reforçadas por influências externas (exógenas) ao bairro. Os *media* ajudaram a consolidar o lado mais negro do bairro, com as suas constantes notícias e reportagens de vandalismo e consumo e tráfico da droga ou das constantes rugas policiais aos bares de alterne e às habitações, o que originou uma cultura de medo. Este medo impede os habitantes, por exemplo, de dizerem abertamente onde habitam com receio de represálias, com o “rótulo de delinquentes ou de marginais ” desde logo associado ao lugar.

Reforçando esta ideia, Marlucci Menezes (2001:24) refere que esta sequência de imagens e representações que ao longo dos tempos o bairro foi colecionando está “intimamente relacionado com as características socioculturais dos indivíduos, as suas práticas, as técnicas de construção do habitat, os objectos e artefactos arquitectónicos que servem como referência socio-espacial, os espaços, tempos e territórios, bem como com as memórias, projectos e a história do lugar”.

A Mouraria é uma zona habitacional normalmente designada de lugar de exclusão social. Esta noção de exclusão social não significa que os seus habitantes não estejam integrados na sociedade, que não tenham uma vida social normal ou que não exista sociabilidade (por vezes é o contrário). Contudo, estes sítios carregam o peso do *estigma social* fortemente ligado à marginalidade, frequentemente transportado para os habitantes.

Lugares como o Intendente e a Praça do Martim Moniz podem ser considerados “territórios psicotrópicos” (Fernandes, 1998:154). São lugares associados a representações e práticas de droga e outras atividades ilegais, frequentemente degradados, excluídos (à parte dos outros bairros) e considerados marginais. Estes territórios psicotrópicos estão intrinsecamente ligados ao simbólico, onde dois mundos distintos (o normal e o desviante) coabitam.

A sociedade define regras e condutas sociais, fixando atributos tidos como normais. Qualquer indivíduo que saia fora do rumo “das regras ditadas pela sua sociedade” é marginalizado socialmente, tornando-se estigmatizado. O bairro da Mouraria sempre atraiu esse tipo de indivíduos que, por razões diversas, saíram fora do caminho dito “normal”. A prostituição, toxicodependência, atividades ilegais, a degradação social e urbana, entre outros fatores, levaram a que o bairro estivesse associado a uma reputação duvidosa. Numa pesquisa

pelos vários jornais da capital, podemos encontrar inúmeras reportagens que ilustram bem a ideia deste território psicotrópico. Exemplo disso é a notícia abaixo, do Jornal Público de 28 de outubro de 2002, apelidada de “Risco e insegurança aumentam no Intendente”, que cita:

A prostituição, a droga e a imigração ilegal apropriaram-se do Intendente e da Almirante Reis. Cada dia é uma guerra para os moradores, mas a resolução do problema nem sequer está próxima. (...) Se no Intendente, por tradição, sempre existiu um gueto ligado à prostituição, desde há dois anos a esta parte tem sido o descalabro. Ao Intendente conflui tudo o que a sociedade põe à margem.¹⁴

Passados oito anos, e noutra reportagem, do Diário de Notícias de 12 de janeiro de 2010, intitulada “Intendente quer mudar de nome para afastar “má fama” da droga”, o diálogo negativo mantém-se:

Comerciantes e moradores na área do Largo do Intendente Pina Manique, em Lisboa, defendem que esta zona "deve mudar de nome, porque toda a gente tem medo disto por causa da droga e dos roubos". Até já chegaram a fazer essa proposta ao presidente da Junta de Freguesia dos Anjos, João Grave, que confirma ao DN este problema da "má fama" local, mas discorda que se vá mudar o nome. O autarca reconhece que "o Largo do Intendente está muito estigmatizado. É considerada uma zona negra de Lisboa, conotada com prostituição, tráfico de droga, toxicod dependentes e roubos".¹⁵

Estas imagens foram sendo construídas ao longo do tempo, partilhadas pela população, reconhecidas no discurso coletivo da cidade e autenticadas na literatura. A sua imagem multicultural e multiétnica é “um curioso processo de resignificação da sua história que, de antigo espaço segregado para os «mouros vencidos», se transforma numa espécie de caso exemplar do «convívio multiétnico» na cidade” (Menezes, 2001:319).

Os atuais projetos de intervenção na requalificação do espaço público no bairro estão a ter uma grande visibilidade e impacto nas reportagens na televisão, nas revistas e nos jornais. A um espaço até aqui carregado de negatividade, dá-se agora uma outra imagem. Numa reportagem da TSF do dia 6 de julho de 2012, podemos ler:

O Novo Largo do Velho Intendente

A cara lavada do Largo do Intendente, em Lisboa, quer afastar a imagem da prostituição e da toxicod dependência. No velho Intendente há agora prédios recuperados com novos inquilinos, enquanto nas ruas é feito o acompanhamento de prostitutas e toxicod dependentes. A Reportagem TSF foi conhecer a nova cara do velho Largo do Intendente.¹⁶

¹⁴ In <http://www.publico.pt/local/noticia/risco-e-inseguranca-aumentam-no-intendente-192428>

¹⁵ In http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1467446&seccao=Sul&page=-1

¹⁶ In http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?audio_id=2652591&content_id=917979

Esta reportagem é uma de muitas que hoje podemos encontrar, que seduzem e incentivam o leitor a visitar o novo espaço:

- “Intendente Muda de Fachada”, Jornal Correio da Manhã, 5 de julho de 2012
- “Postal de Lisboa XXII - O renovado Largo do Intendente”, Blogue Óculos do Mundo, 18 de agosto de 2012
- “Mouraria, um itinerário de artes, historia e sabores”, Jornal I, 20 de julho de 2012
- “ O das Joanas. O primeiro café do resto da vida do Intendente”, Jornal I, 21 de agosto de 2012
- “Ir à Mouraria e comer nos quatro cantos do Mundo”, Time Out Lisboa, 24 de julho de 2012.

O bairro faz também capa da revista Time Out Lisboa¹⁷, de julho de 2012 (ver Figura 4), num convite à redescoberta do bairro, com várias reportagens sobre o bairro onde o título principal é “Mouraria. Tudo sobre o bairro mais surpreendente de Lisboa”.

Apesar de todas as representações negativas, o facto é que este bairro tem, tal como no caso da Bica “o privilégio de representar Lisboa” (Cordeiro, 1997: 21). O bairro é o espelho da alma nacional, querendo com isto dizer que é a imagem de uma grande metrópole cosmopolita, com todas as suas imagens positivas e negativas. Se o bairro é um espaço de convívio, lazer e socialização entre os habitantes, também é um espaço onde coabita o estigma da violência, da prostituição e da droga. Um bairro engloba todos estes fatores existentes numa qualquer cidade, pois um bairro é apenas um pedaço da cidade.

Perante esta diversidade (simbólica, étnica, social e cultural), é fundamental abordar o bairro tanto como um espaço físico, como um espaço que representa práticas sociais antigas e contemporâneas, vivenciadas pelos residentes (mais antigos e os novos) e pelos utilizadores do bairro. Esta nova Mouraria que estão a tentar construir pretende acolher todos os indivíduos, num elo entre o passado, o presente e o futuro.

¹⁷ Uma revista semanal com programas em várias áreas temáticas – teatro, cinema, dança, etc.

CAPÍTULO II – Um bairro em mudanças: um olhar antropológico

A degradação urbanística devido à antiguidade do bairro originou diversos projetos de requalificação¹⁹, que ao longo dos tempos têm transformado o espaço urbano.

A eficácia deste tipo de intervenções, contudo, nem sempre foi a esperada. Uma dessas tentativas de limpeza apenas causou o afastamento das prostitutas e dos seus “chulos” para os extremos do bairro. Passado um tempo, nesse mesmo espaço deixado vazio, apareceram novos atores sociais: traficantes, toxicodependentes, sem-abrigo (Menezes, 2012:76).

Atualmente o bairro é alvo da talvez maior intervenção urbana, onde o prefixo “re” acompanha um conjunto de conceitos: reabilitar, revitalizar, renovar e requalificar. Estes conceitos associam-se ao incremento da qualidade de vida dos indivíduos e ao melhoramento do aspeto do bairro e da cidade, recaindo sobre as áreas mais degradadas do centro histórico da Mouraria.

“O re insinua, neste âmbito, uma promessa de reordenação do presente através do reencontro com o passado” (Menezes, 2005:68). Este reencontro com o passado passa pela valorização e reabilitação dos elementos simbólicos, identitários e patrimoniais, procurando devolver ao bairro o aspeto do autêntico (genuíno, verdadeiro, puro). A preservação do património, identidade e símbolos - exemplos identificadores que marcam um espaço urbano - parece estar assim na base de qualquer tipo de requalificação, não obstante as transformações no espaço público exigidas pelo desenvolvimento socioeconómico e a modernização da urbe.

Todos os bairros têm as suas marcas dos diferentes tempos e a Mouraria, devido à sua origem, é ímpar nesse contexto. Este bairro contém marcas de vários tempos, onde coabitaram diversas culturas que se encontram misturadas e estão empedradas em cada pedra da calçada (Araújo,1990:13). Identificar e preservar essas marcas de tempos idos, é importante para consolidar um relacionamento com o passado e promover uma afeição com o espaço urbano.

A preservação garante a continuidade e conservação da memória social, ao sobrevalorizar os objetos ou valores culturais dos nossos antepassados. Esta memória social materializa-se por exemplo nos museus, onde reunimos os objetos considerados essenciais e que julgamos

¹⁸ Lema do site: <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>

¹⁹ Foram realizadas várias tentativas de implementação de projetos de renovação urbana durante o século XX, projetados e iniciados numa tentativa de limpeza e embelezamento do espaço.

serem aqueles que é importante preservar. Esta memória social que é coletiva (faz parte de um grupo) é essencial para a identidade nacional (Martins, 2011:8).

Segundo Marlucci Menezes (2003)²⁰, é preciso uma abordagem multidimensional e complexa para proteger a imagem da cidade histórica. Para tal, é necessário haver uma parceria de várias áreas disciplinares, de modo a conjugarem diferentes visões urbanas. Apenas deste modo é possível uma maior amplitude dos processos de conservação e requalificação.

2.1. Requalificação e reafirmação do Património, Identidade e Símbolos, e a sua importância

Em 11 de agosto de 2009, a candidatura efetuada pela CML ao QREN foi homologada com um PA por um período de execução de três anos: “um para submissão dos *dossiers* de candidatura das operações e dois para a sua concretização, estando a conclusão prevista para final de 2012”²¹.

Esta candidatura foi efetuada ao eixo de intervenção *Dimensão de intervenção* (ver Quadro 2), inserido na Política de Cidades Polis XXI – 2007/2013, designadamente:

ao Eixo 3, Coesão Social – Política de Cidades / Parcerias para a Regeneração Urbana – Programas Integrados de Valorização de Áreas Urbanas de Excelência Inseridas em Centros Históricos, com objectivo de beneficiar o território da Mouraria, que se estende do Largo do Intendente ao Largo Adelino Amaro da Costa, e se caracteriza pelos seus problemas sócio - urbanísticos.²²

²⁰ Comunicação apresentada no 3º ENCORE, LNEC, Lisboa, maio de 2003.

²¹ In <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>

²² Ibidem

Quadro 2 – Portugal Política de Cidades POLIS XXI 2007-2013



Fonte: <http://www.dgotdu.pt/pc/documentos/POLISXXI-apresentacao.pdf>

Desta forma surge o “QREN Mouraria – As cidades dentro da cidade”, com um valor calculado de 7,5 milhões de euros reservados a um “conjunto de operações de valorização dos aspectos positivos do território, designadamente, os seus patrimónios material e imaterial, e a sua diversidade económica, social e cultural.”²³

A estrutura do programa de ação QREN para o bairro da Mouraria tem dois eixos estruturantes: Desencadeadores de novas oportunidades de mudança e de desenvolvimento e Integradores dos valores de identidade, memória e tradição.

Dentro do primeiro eixo encontra-se:

- Operação 1: Requalificação do espaço público e do ambiente urbano (CML)
- Operação 2: Refuncionalização e reabilitação do Quarteirão dos Lagares para criação do Centro de Inovação da Mouraria (CML)

O segundo eixo engloba:

- Operação 3: Valoração das Artes e dos Ofícios
- Operação 4: Valorização Sócio - Cultural e Turística
- Operação 5: Plano de Divulgação e Comunicação do Programa de Acção²⁴

²³ Ibid

²⁴ Ibid

Na *Operação 3: Valoração das Artes e dos Ofícios* encontra-se a requalificação do prédio²⁵ onde morava a fadista Severa, na Rua do Capelão, que se irá transformar num espaço multifuncional (museu, lazer e restauração) para a valorização e divulgação do fado na Mouraria, que virá a se designar Sítio do Fado. Ao mesmo tempo que presta homenagem à figura feminina mais referenciada no bairro, pretende chamar os turistas ao bairro.

Faz parte da *Operação 4: Valorização Sócio - Cultural e Turística*, o restauro do que resta do troço da Cerca Fernandina, (designado como Monumento Nacional) como centro de atração turística nacional. As obras de restauro e conservação já começaram e podem ser observadas na Praça do Martim Moniz (ver Figura 2).

Num âmbito mais multicultural e ainda inserido na Operação 4, irá ser criado o “Corredor Intercultural”. Num bairro onde se exerce a atividade do comércio grossista gerida por uma forte diversidade étnica (principalmente nos dois Centros Comerciais, Mouraria e Martim Moniz), esta ação irá consolidar uma marca de interculturalidade. Este Corredor Intercultural integra algumas ruas do núcleo do bairro (em particular a rua do Benfornoso), onde estão inseridas várias lojas e restaurantes multiculturais. Dar a conhecer os espaços comerciais, culturais e religiosos - onde estes indivíduos interagem diariamente - é o objetivo desta iniciativa que, para além de dar a conhecer uma parte do bairro multicultural, irá contribuir para desconstruir a ideia negativa que existe sobre a multiculturalidade.

O “Festival Há Mundos na Mouraria” é outro ato previsto na Operação 4. A promoção sociocultural dos países que fazem parte do universo multicultural do bairro é o mote desta atividade. A intenção é que sejam divulgadas as diversas culturas através de atividades em várias áreas (teatro, gastronomia, música, etc.), sempre com a participação da população imigrante a residir na Mouraria, numa interação com a população em geral. Este evento é parceiro de um outro que já se realiza há vários anos, o festival TODOS- Caminhada de Culturas.

Tanto o Corredor Intercultural como o Festival Há Mundos na Mouraria são intervenções e medidas que tencionam dar a conhecer à população a diversidade étnica existente na Mouraria. Pretende-se assim que o estigma e o preconceito sejam suprimidos e uma maior tolerância em relação ao “Outro” cresça no seu lugar, instituindo a multiculturalidade como símbolo e identidade do bairro da Mouraria.

Todas as ações que estão planeadas nos cinco eixos estruturante do programa PA, para além de visarem preservar, requalificar, restaurar e instituir certos símbolos, património e

²⁵ Arquitetura dos séculos XVI/XVII

identidade, têm igualmente como objetivo encorajar a descoberta do bairro pelos turistas e a inclusão da Mouraria no mapa das rotas turísticas.

Este Plano de Ação (PA) viria a complementar-se com o Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (PDCM) para uma maior positividade na vida dos residentes do bairro. Oportunidades de emprego, maior formação e qualificação, maior coesão social e qualidade de vida ou maior sentimento de segurança, são alguns exemplos deste programa. Neste programa está presente a abordagem multidimensional, uma vez que este inclui várias áreas de intervenção complementares, que potenciam a criação de melhorias tanto a nível urbano como social.

2.2 Valorização do passado e da memória coletiva através do Património Cultural (Material e Imaterial)

O objetivo de preservar é perpetuar o passado como testemunho para gerações futuras, ao conservar na memória social um determinado bem, material ou imaterial. As razões porque preservamos o património podem ser várias. É de senso comum que o património tem sempre uma ligação com o passado: um valor sentimental e um lado histórico, simbólico e social (para uma sociedade).²⁶ Existe também o postulado que a preservação é algo benéfico, positivo. Por isso, o ato de preservar é valorizado, tem valor. Esta é a ideia que nos incutem todos os dias, na televisão, nos jornais ou na escola.

O fato de partilhar os mesmos elementos culturais (quer seja o património, símbolos ou a identidade) contribui para que nos identifiquemos com eles. Exemplos disso são a bandeira e o hino nacionais que, juntos ou separados, são símbolos da identidade de um país.

Os indivíduos produzem a sua identidade no afeto que têm ao seu passado e a determinados símbolos (Rodrigues:3). O património é um desses símbolos: “O património tem com a identidade inúmeras e variadas relações. Como atributo colectivo, o património é um elemento fundamental na construção da identidade social/cultural e, simultaneamente, é a própria materialização da identidade de um grupo/sociedade.” (Rodrigues: 4).

²⁶ Esta secção não tem o objectivo de discutir teoricamente a ideia de Património, uma vez que existe uma vasta literatura antropológica neste domínio que não foi convocada para a minha análise. A intenção é tão só de enquadramento daquilo que se passa actualmente na Mouraria.

A valorização do fado²⁷, a referência a alguns fadistas locais (Severa, Argentina Santos, Mariza e Fernando Maurício) e, presentemente, a multiculturalidade, são as marcas identitárias e simbólicas do bairro da Mouraria. Para reforçar esta marca identitária e simbólica, foi colocado no início da Rua do Capelão um monumento com uma guitarra portuguesa evocativo do fado, com a inscrição “*Mouraria Berço do Fado*” (ver Figura 5).

Vários indivíduos com quem conversei sentem um enorme desgosto por não haver mais casas de fado²⁸ no bairro, pois, afirmam com convicção, o *fado nasceu na Mouraria*²⁹. Um sentimento de tristeza por verem que este símbolo é atribuído ao seu principal rival, o bairro de Alfama, perante a maioria da população e dos turistas.

Os símbolos fazem parte intrínseca da vida do homem. Muitos deles têm significados profundos na cultura dos povos e encontram-se inseridos num determinado contexto histórico e sociocultural, outros traduzem convicções e valores que se apresentam inseparáveis para a continuidade de uma cultura, expressando uma identidade muito própria.

São vários os símbolos identitários presentes no bairro da Mouraria. Quando se reconstruiu a atual Praça do Martim Moniz houve o cuidado de colocar símbolos históricos que representassem o local: a cerca que vedava a antiga cidade, os soldados que ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos Mouros (ver Figura 6), e as fontes de água como símbolo da antiga abundância deste elemento natural neste local. A multiculturalidade do bairro da Mouraria também não foi esquecida quando se renovou a estação de metro do Martim Moniz (antiga estação do Socorro), na qual podemos ver azulejos pintados alusivos às várias culturas que coabitaram e coabitam o local, com símbolos e caracteres (caligrafia) de vários países - Árabes, Africanos, entre outros - (ver Figura 7), bem como a figura do mítico soldado Martim Moniz.

O património é a herança do passado de uma sociedade, seja ele memórias, tradições, ou símbolos, proporcionando assim a base de uma identidade para com uma determinada sociedade ou com um espaço (Martins, 2011:38). Conservar vivos estes ícones do bairro e da cidade é preservar a identidade de um povo ou de um local. Sustentam uma identidade nacional de uma sociedade, contribuindo como uma herança dos antepassados para uma próxima geração.

²⁷ O fado foi considerado pela UNESCO, em 2011, “*símbolo da identidade nacional*” e “*a mais popular das canções urbanas*”, entrando para a lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade.

²⁸ Interpreta-se o fado em Associações Recreativas, locais improvisados e pouco mais.

²⁹ Frase dita pela Senhora Rosa Silveira.

“A identidade se constrói na interação entre o eu e a sociedade” (Pinto, 2004:1), pelo que o património que preservamos é aquele com que mais nos identificamos, que reconhecemos e que para nós representa algum valor. Assim, essa preservação varia de época para época e de comunidade para comunidade. “O património cultural não está dotado de valor em si mesmo, porém, cada grupo e subgrupo humano atribui e adscrive valores e significados, específicos em cada momento histórico, aos seus bens culturais, escolhidos dentro dos múltiplos elementos culturais, portanto há um processo social de selecção e atribuição de valores” (Pereiro, 2006:27-28).

Património e cultura estão intrinsecamente ligados (Pereiro, 2006:25), pelo que recuperar o nosso património é recuperar a cultura e com ela a história de uma sociedade. Neste sentido, a requalificação do Património Cultural Material e Imaterial é um dos eixos prioritários dos planos de requalificação atualmente a decorrer na Mouraria. O PA da Mouraria, para além do seu eixo estruturante de maior visibilidade (requalificação do espaço público), tem também em conta:

O valor do património histórico - arquitectónico localizado neste eixo, que integra imóveis classificados como Monumento Nacional e como Imóvel de Interesse Público e outros integrados na carta do Património, reforçado pelo atravessamento da Cerca Fernandina, a ser posta a descoberto no âmbito do PA, vai permitir a divulgação deste atravessamento através da criação do Percurso Turístico - Cultural, a divulgar através de vários meios, sendo o de maior impacto a sua divulgação na internet, iniciativa proposta pela Associação de Turismo de Lisboa, entidade que integra o Protocolo de Parceria Local.³⁰

Apesar de podermos colocar a questão *Quem determina o que pode ser considerado património cultural?*, a resposta é que existe uma conexão entre o ato de preservar e o desenvolvimento socioeconómico. Atrás desta preservação do património existem interesses instituídos. Lugares de memória atraem turistas pelo seu valor histórico e este aliciamento pelo turismo cativa entidades privadas e políticas para a sua preservação, procurando retirar deste feito o máximo lucro e proveito.

Nalguns casos, o turismo tem servido para conservar património cultural e tradições – sempre inventadas e/ou reinventadas -. Outras vezes, o turismo tem servido para inventar novas práticas culturais (sem tradição histórica) que rapidamente são convertidas e definidas como “tradições” para uma melhor comercialização dos produtos turísticos. O certo é que graças a estas apropriações muitas povoações conseguem sobreviver e reproduzir-se socioculturalmente como centros de destino turístico, ultrapassando situações de pobreza (Pereiro,2006:36).

³⁰ In <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/espaco-publico-e-ambiente-urbano.html>

A recuperação do Largo do Intendente Pina Manique foi talvez uma das obras de maior relevância e impacto para toda a população do bairro e da cidade de Lisboa. Poderíamos mesmo dizer que esta iniciativa “devolveu” o largo aos residentes, incentivou investimentos, na restauração, na hotelaria com a prevista abertura de *hostels* e no comércio, o que veio valorizar o local e dinamizar a vida cultural e socioeconómica. Em termos de sustentabilidade é uma aquisição muito significativa, face ao estigma em que o bairro estava envolvido, num sítio completamente esquecido da cidade.

2.3 Mobilidade, fluxo, e migrações contemporâneas: o conceito de *etnopaisagens*

A globalização trouxe mudanças políticas, sociais, económicas e paisagísticas às sociedades, criando novas formas de estar no espaço urbano e novos ritmos e comportamentos. Estas mudanças provocaram um processo de descontextualização e originaram novas práticas e novas perceções do “eu” e do “outro”. No mundo atual, onde o fator da globalização está presente e onde tudo flui (pessoas, bens, tecnologias, etc.) sem impedimentos ou fronteiras, surgem novas formas divergentes de cenários urbanos.

“Por *etnopaisagem* designo a paisagem de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, (...) e outros grupos e indivíduos em movimento constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afectar a política das nações (e entre as nações) a um grau sem precedentes” refere Arjun Appadurai (1996:51).

A apropriação do espaço urbano da Mouraria por diversas vagas de imigração e a diversidade étnica residente modificou a paisagem urbana. Os indivíduos, juntamente com as suas práticas, objetos, hábitos e comportamentos, vieram transformar o ambiente e dar outra imagem do bairro.

Uma visita ao bairro por mais desatenta que seja permite-nos identificar algumas recriações das práticas tradicionais destas comunidades. Os balões chineses e os placares (muitas vezes mal traduzidos para o português) que se encontram à porta das lojas ou dos restaurantes chineses são disso exemplo. Símbolos de identidade do seu país natal são recriados no país de acolhimento como forma de facilitar a identificação por parte de clientes e imigrantes. “Esta é uma forma de persuasão que apela à sedução, como uma camada superficial que permite manter uma relação alegórica com identidades e conteúdos culturais” (Rodrigues, 2012:124).

O núcleo do bairro da Mouraria é igualmente caracterizado pela intensidade dos contactos socioculturais e respetiva diversidade. Exemplos são as ruas, onde crianças brincam, vizinhos conversam à porta de suas casas, bem como o “entra e sai” das lojas que mantêm o traço de outros tempos. De maior intensidade de contactos encontramos-os no dia da Procissão da Nossa Senhora da Saúde e nos dias das Festas Populares, iniciativas durante as quais o bairro é invadido por dezenas de pessoas. A estes eventos tradicionais, acrescem as dinâmicas socioculturais e religiosas dos imigrantes que residem no bairro e os eventos e atividades associadas aos festivais multiculturais.

Num mundo globalizado como o de hoje, “Fenómenos de apropriação, aglomeração e personificação reproduzem-se, muitas vezes silenciosamente” (Rodrigues, 2012:30). Quando nos apercebemos, o espaço que conhecíamos deixamos de conhecer, passa a ser outro completamente diferente, os lugares ganham nova vida de um momento para o outro. A volatilidade dos cenários é grande, a configuração dos espaços muda constantemente.

Durante os vários meses, em que efetuei o trabalho de campo pelo bairro, fui-me apercebendo das várias transformações que o mesmo ia sofrendo. Estas desenvolvem-se quer a nível paisagístico com as obras renovação do espaço público e urbano, quer a nível sociocultural com a consequente abertura de novos espaços culturais. Os atores sociais passam a ser outros com uma volatilidade forte: a pequena mercearia na Rua do Benfornoso, vira loja de venda de telemóveis de um dia para o outro.

Este fenómeno da etnopaisagem é cada vez mais recorrente nas sociedades modernas. Consequentemente, os projetos de intervenção urbanística têm de ter um esquema multidimensional mais sólido. No bairro da Mouraria, os vários projetos em curso estão estruturados de modo a garantir a manutenção da identidade bairrista e da identidade multicultural.

2.4 Regeneração urbana dos centros históricos: o processo da *gentrificação*

A gentrificação veio dar uma nova composição ao tecido social da cidade e principalmente dos centros históricos que tinham ficado completamente ao abandono habitacional. Este fenómeno contemporâneo, que se encontra em várias cidades do mundo “é

essencialmente internacional (...) ao mesmo tempo, cosmopolita e paroquial, geral e local” (Sanfelico, 2007:17)³¹.

A revitalização dos centros históricos e em particular do bairro da Mouraria aliciou novos habitantes que vêm atraídos por retornar ao centro de Lisboa. Este processo originou uma “reestruturação da economia urbana da metrópole” e veio alterar a “reconfiguração da ocupação económica do seu território” (Rodrigues 1999:119).

Este regresso habitacional ao centro da capital tem sido um fenómeno cada vez mais atual, consequência dos processos de renovação, requalificação e reinvestimento urbano, socioeconómico e cultural a que temos assistido em alguns bairros de Lisboa. “Na mídia, a gentrificação tem sido apresentada como o maior símbolo do amplo processo de renovação urbana que vem ocorrendo” (Sanfelico, 2007:18).³² Os projetos de revitalização a decorrer no bairro da Mouraria trazem esse ressurgimento do interesse pelo genuinamente histórico e popular.

Face a este interesse pela centralidade urbana e consequente residência nos bairros típicos, os agentes imobiliários começaram a mobilizar os poderes públicos na recuperação do edificado. Assiste-se a investimentos na recuperação e reabilitação de espaços degradados e zonas envolventes que desta forma valorizam e promovem o lugar, atraindo novos residentes, ou a edifícios de elevados custos como são os condomínios fechados.

De anomalia local e esporádica, limitada à cidade centro, a gentrificação passou a constituir-se como estratégia global ao serviço do urbanismo neoliberal e dos interesses da reprodução capitalista e social, tendo-se generalizado por todo o mundo urbano. (...) A gentrificação trata-se de uma recentralização urbana e social selectiva, alimentada por novas procuras, promotora de uma crescente revalorização e reutilização física e social dos bairros de centro histórico indiciando, por conseguinte, novos processos de recomposição da sua textura socioespacial. (Mendes, 2011:479-480).

Se por um lado, o mercado imobiliário utiliza a *gentrificação* como um estratagema para obtenção de lucro, não é menos verdade que os bairros típicos da cidade de Lisboa requalificados garantem às novas gerações o encanto de morar num destes locais.

Geralmente são grupos sociais provenientes da classe média/alta, jovens e muitos com profissões ligadas ao meio artístico e de elevadas qualificações. Esta entrada de novos atores sociais veio revitalizar a vida do bairro, dando-lhe ânimo, novos trânsitos e renovando a identidade do bairro. Os indivíduos procuram o centro histórico das cidades para habitar por diversas razões, ou então porque “é moda viver num bairro típico de Lisboa” e esse processo

³¹ In http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp21/Artigo_Neil.pdf

³² Ibidem

tem um papel fundamental na reabilitação urbana da cidade. O bairro até aqui homogéneo em termos de estrato socioeconómico, passe a ser visto como heterogéneo em termos socioculturais.

De referir contudo que este processo está fortemente marcado pela desigualdade das possibilidades do retorno ao bairro. O regresso é feito maioritariamente por indivíduos com poder económico, suficiente para poderem comprar ou arrendar uma casa reabilitada numa zona central da cidade onde o metro quadrado atinge preços elevados. Os que já lá habitavam não tendo condições financeiras para as novas rendas – caso a sua habitação tenha sido requalificada – são morar para fora do bairro.

Dinamizar espaços degradados dando-lhes uma nova vida, novas formas de o usar, diversificando ofertas habitacionais, alterando a paisagem urbana, são formas de diversificar a população. É o início da chamada Aldeia Global, “fenómeno pródemocrático, onde as relações atingem um nível mais complexo e diversificado, conformando a sociedade heterogénea que hoje conhecemos” (Rodrigues, 2012:19).

Mouraria é uma denominação que se repercute no nosso subconsciente urbano, através de imagens imbuídas de muitos significados e significantes, mas que também nos conduz a um ponto crucial para o entendimento do bairro: a multiplicidade de representações sobre a sua invenção social, simbólica e urbana. Este aspecto motiva o interesse em, aqui, interrogar alguns dos mitos, representações e convicções relacionadas com a invenção no bairro.

(Menezes, 2012:70)

CAPÍTULO III – Bairrista e Multicultural

Graça Cordeiro refere que “não há duas cidades iguais”³³. Neste caso, podemos refazer esta citação afirmando que *não há dois bairros iguais*. Cada um tem as suas imagens, os seus atores, a sua fisionomia e os seus símbolos identitários que se foram enraizando ao longo do tempo. Construções sociais que definem e identificam cada bairro de Lisboa.

Permitam-me uma observação mais sensorial: o bairro labiríntico da Mouraria é habitado por indivíduos que vieram dos cinco continentes. As peles claras e enrugadas de gente envelhecida, as resistentes tabernas “à portuguesa” e as marcas de um passado mourisco, cruzam-se com as peles escuras, trajas diferentes, cheiros intensos, lojas com produtos “exóticos” e outras línguas. Estas imagens descrevem um bairro marcado pelo seu passado histórico, pelas muitas histórias e mitos que dele se formaram e pela atualidade.

A realização da procissão da Nossa Senhora da Saúde no mês de maio³⁴ marca o início dos preparativos para as chamadas *Festas de Lisboa*. Estas têm começo no início de junho, com os arraiais espalhados pela cidade e o desfile das Marchas Populares descendo a Avenida da Liberdade como atração principal. Apesar dos preparativos para as Festas de Lisboa serem mais acentuados no final de maio, eles já se iniciaram no princípio do ano, com planeamento, organização e orçamento definido e atribuído a cada bairro.

No dia 1 de junho já se começam a ver os bairros enfeitados com os balões, fitas e outros adornos característicos destas festas. O cheiro a sardinha assada e a manjerico acompanha os bailaricos que pelos recantos dos bairros marcam presença assídua durante todo este mês. Todos os residentes se empenham, participam e ajudam, para que o seu bairro apresente o

³³ In <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8491.pdf>, pág. 185

³⁴ A procissão realiza-se no primeiro domingo de maio e é um marco importante da cidade de Lisboa e do bairro.

melhor arraial. A competição entre bairros é muito forte e em todo este processo sobressai o chamado “amor ao bairro”.

A contrapor com as Festas de Lisboa, a multiculturalidade existente no bairro da Mouraria exhibe também a sua presença em várias ocasiões ao longo do ano. Na Praça do Martim Moniz foi instalada este ano uma serpente fazendo alusão ao recente símbolo do horoscopo chinês (ver Figura 8). O festejo do novo ano chinês, no início de fevereiro, é celebrado em vários locais de Lisboa e a Fundação do Museu Oriente desenvolve um conjunto de atividades alusivas à efeméride.

O TODOS - Caminhada de Culturas é um festival de dimensão internacional que celebra a diversidade de culturas existentes no bairro. Através de espetáculos de dança, teatro, gastronomia ou de música, este festival permite aos residentes e ao público em geral uma maior proximidade e um contacto com a cultura dos imigrantes, desmistificando os vários estigmas a eles associados.

A Associação Renovar a Mouraria tem como objetivo desenvolver no bairro várias atividades de cooperação e promoção da igualdade com as populações imigrantes no bairro. São diversos os tipos de atividades desenvolvidas: promove cursos de português para imigrantes e outras atividades formativas; organiza passeios temáticos, como por exemplo a *Mouraria Chinesa*; dá a conhecer aos lisboetas delícias gastronómicas de vários cantos do mundo; ajuda os residentes mais idosos na utilização das tecnologias de informação; promove a cultura do bairro com noites de fado; e desenvolve ações de revitalização urbanística.

A ARM divide o seu âmbito de atuação nos dois eixos estruturantes do bairro: por um lado está ligada ao bairro e promove iniciativas para melhorar a vida dos seus residentes, ao mesmo tempo que socializa com eles; por outro lado auxilia os imigrantes e divulga a multiculturalidade.

Marcelino Figueiredo, antigo presidente da Junta de Freguesia do Socorro, declarava num artigo para o Diário de Notícias que “A população envelhecida tem sido renovada com imigrantes que diariamente solicitam os serviços da autarquia para regularizarem a sua situação em Portugal.”³⁵ Embora a notícia seja já antiga, o fato é que hoje o discurso dos dirigentes da Junta continua a ser o mesmo. Embora o bairro esteja a atravessar um período de revitalização, a população jovem é ainda insuficiente em comparação com a população idosa e com os imigrantes. Daqui a uns tempos ver-se-á o desfecho que estas intervenções tiveram.

³⁵ In http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=997503

3.1. – Complexidade do conceito de *bairro* e a dificuldade na sua delimitação

O termo *bairro* constitui uma palavra polissémica, o que dificulta o consenso na sua definição. Do ponto de vista etimológico, sabe-se que deriva do árabe *bārri*, significando “exterior ou subúrbios”. Processos exógenos e endógenos ajudam a dar contornos diferenciados e complexos a este vocábulo, pelo não existe uma interpretação firme.

Um dos muitos exemplos é Josué Bezerra (2011) que, num artigo intitulado “Como definir o bairro? Uma breve revisão”, questiona a definição do conceito e a discussão em torno do mesmo. Este autor expõe algumas definições, com diferentes linhas de raciocínio:

(...) uma simples divisão territorial de uma cidade (...); uma das zonas principais em que se divide uma cidade, ou simplesmente uma porção de território nas proximidades de um núcleo urbano (...); uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou mesmo uma porção do território de uma povoação, mais ou menos separada e a semelhança com um arrabalde ou subúrdio (...); Cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos (Bezerra, 2011:22/23).

O autor também ressalta que esta dificuldade é persistente noutros países (Bezerra, 2011: 25), não existindo um parâmetro universal para este termo, (na Figura 9 podemos ver como Josué Bezerra exemplifica um bairro).

Graça Cordeiro e António Firmino da Costa sugerem uma definição para bairro que nos auxilia quando pensamos os chamados bairros históricos: “...essas subregiões urbanas de tamanhos e configurações variáveis, designadas habitualmente por bairro, constituem unidades socio-espaciais problemáticas em si próprias. Permeáveis e, contudo, identificáveis, não só nos ritmos de uma prática social quotidiana e etnografável, como também nas imagens resultantes de uma bricolage coproduzida endógena e exogenamente (...) os bairros são lugares para se procurar, identificar, inquirir, questionar.” (Cordeiro e Costa 1999:60-61).

Em termos de criação histórica, o foral de criação do bairro da Mouraria data de 1170. Na altura, o bairro tinha limites e fronteiras definidos e reconhecidos como arrabalde, concebido para albergar os mouros vencidos (Menezes, 2012:72). Atualmente, a nível administrativo, o bairro pertence parcialmente às freguesias de Santa Justa (ver Figuras 10 e 11), São Cristóvão e São Lourenço (ver Figuras 12 e 13) e Socorro (ver Figuras 14 e 15), apesar do núcleo mais significativo pertencer à freguesia do Socorro (ver Figura 16).

Estas áreas urbanas são configuradas liminarmente de um modo simbólico e imaginário. Em consequência, definir as fronteiras do bairro não é fácil, assim como não é consensual um

discurso coerente para este propósito (Menezes, 2001:131). A complexidade na definição de *bairro* é comparada à dificuldade de delimitação dos seus *limites territoriais*.

Firmino da Costa (1999:62) menciona este mesmo facto no livro “Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural”, em relação ao bairro da Alfama. Graça Cordeiro (1997:43) refere-o igualmente no que respeita ao bairro da Bica: “Os bairros de hoje, *territórios geográficos e sociais aproximativos*, pertencem ao domínio exclusivo da tradição oral. A divisão em bairros administrativos desapareceu e hoje a única divisão administrativa e política do território urbano é dada pela freguesia”. Na mesma linha, Josué Bezerra afirma que as fronteiras e limites político-administrativos de um bairro não coincidem com as suas fronteiras histórico-sociais (2011: 27).

E tal como Alfama, também a Mouraria “não constitui uma circunscrição administrativa” (Firmino da Costa, 1999:67). Contudo, podemos identificar o bairro no mapa da cidade de Lisboa através de fronteiras utópicas, decorrentes de construções sociais que se formaram ao longo do tempo. Para os residentes mais antigos, estas fronteiras são de extrema importância porque se identificam com o espaço e porque este é uma marca de referência. Eu própria, confrontada com este caso quis confirmar esta dificuldade e deparei-me com vários discursos.³⁶ Em resposta à questão *Quais são os limites do bairro da Mouraria*, cito algumas das respostas:

- O bairro da Mouraria é só a Junta de Freguesia do Socorro, não é menina? Eu acho que sim, mas eles estão sempre a mudar as coisas. (Sr. Carvalho)

- Eu acho que inclui a Rua do Capelão, a Rua dos Cavaleiros, a Rua do Terreirinho, o Largo das Olarias, a Rua do Benfornoso e mais uma ou outra rua, o resto já não é Mouraria. Isto é o meu ponto de vista, mas eu já sou uma velha e não percebo nada disso. (D. Elvira)

Existem situações caricatas, onde os limites administrativos dividem uma rua em duas pertenças: numa mesma rua, os prédios com números pares pertencem a uma freguesia e os números ímpares pertencem a outra.

- Eu moro na rua do Benfornoso número x e pertença à freguesia do Socorro. O meu vizinho da frente é da freguesia de Santa Justa. Isto tem algum jeito? (Sr. José do Pipo)³⁷

Rita Cachado (2008:131)³⁸ no artigo sobre o Bairro Quinta da Vitória refere “fronteira identitária relativamente a quem mora nas barracas e quem mora no bairro social” uma clara

³⁶ Conversas com residentes do bairro sobre este tema. Apenas reporteii dois dos discursos.

³⁷ Numa conversa com um residente, morador na rua do Benfornoso.

diferenciação dentro do bairro, causado pela habitação onde se mora. Na Mouraria o que acontece, é que, para além da complexa delimitação do bairro, o bairro é dividido em duas áreas distintas: a “parte mais baixa” e a “parte mais alta”, mas esta separação é irreal. Uma construção imaginária dos residentes que assim demarcam o bairro em dois espaços distintos com base na identidade sociocultural de quem as habita.

- Aquela gente lá de baixo é mais porca, há muita gente de cor e há muita droga e prostituição. Eu tento nem passar por lá. Aqui em cima não existem tantos estrangeiros, não há tanta confusão como lá em baixo e somos pessoas de bem. (Dona Aida).

Como se pode verificar pelo discurso acima descrito, esta demarcação do bairro faz a distinção entre a “parte mais alta” como a residência dos habitantes mais idosos e mais bairrista - de certo modo identificando o lado positivo - e a “parte mais baixa” como a residência dos imigrantes e mais multicultural – o lado negativo do bairro associado às atividades ilegais.

O bairro afirma-se assim como área sem delimitação territorial objetiva (que pode variar consoante a época vivida), mas com delimitação imaginária coletiva presente na memória dos seus habitantes. “O espaço é dividido e, várias vezes, subdividido em função das práticas e das representações que o constituem” (Menezes, 2001:170).

3.1.1 – Lisboa, cidade de bairros *populares*

Nem todos os bairros se incluem nos ditos, *bairros populares e típicos de Lisboa*. Somente alguns - Alfama, Madragoa, Bairro Alto, Mouraria, Alcântara, entre outros - entram nesta lista restrita que simboliza Lisboa (Cordeiro, 1997:21). Cada bairro tem as suas próprias imagens, os seus atores sociais, certas profissões a ele associado, certas características que lhe são exclusivas. É esta reunião de elementos que vai ser determinante para a sua marca identitária, resultado de uma construção popular de representações exógenas e endógenas que fomentaram ao longo do tempo uma visão particular de cada bairro de Lisboa, dando-lhes o estatuto de bairros populares e típicos de Lisboa. Cada bairro é um pedaço da cidade e, apesar de serem heterogéneos, juntos complementam-se e formam uma Lisboa única e privilegiada de diversidade.

³⁸ In Cordeiro, Graça Índias e Frédéric Vidal, (eds), (2008.) “A rua: espaço, tempo, sociabilidade”, Lisboa, Livros Horizontes.

Explicar o significado de *bairrismo* pelo sentimento de apego, afeição, pertença ou afinidade dos residentes ao espaço, é algo que qualquer dicionário nos diria. Contudo, este vocábulo é muito mais profundo. Graça Cordeiro refere que “*Bairro popular e bairrismo* podem ser encarados, na gíria lisboeta, como duas faces de uma mesma moeda que produzem uma imagem e uma crença de coesão social e de unidade cultural” (Cordeiro, 1997:24).

A noção de *bairrismo* reforça a ideia de que lugares e indivíduos criam e estabelecem relações entre si. Estes concebem à sua volta um certo “patrionalismo” (considerando como pátria só aquele lugar) que os une para sempre àquele lugar. Neste sentimento de apego ao bairro, considerado nativista, existe um certo etnocentrismo em relação aos outros bairros.

Os indivíduos para além de criarem laços afetivos com o lugar, também criam laços afetivos com os vizinhos. Muitas vezes, quando se muda de bairro, muito dos antigos residentes voltam para visitá-los, como forma de reviver o passado e continuar o vínculos, com os vizinhos e com o território. Porém, a forma como se *vive o bairro* varia de lugar para lugar e naturalmente de indivíduo para indivíduo. Assim,

para uns, é ao nível da unidade de vizinhança que se organiza toda a vida e que se estabelecem as redes de relações; para outros, o bairro é um ponto de referência que permite a inserção em diversos grupos organizados localmente, por exemplo, em organizações culturais, paroquiais e recreativas locais para certas franjas da classe média; para outros ainda, o bairro é avaliado a partir da inserção do alojamento num meio envolvente considerado de qualidade, embora as relações criadas e os serviços utilizados sejam escolhidos independentemente do critério da proximidade espacial. Por conseguinte, as expectativas em relação à vida dos bairros diferem e as solidariedades não se desenvolvem necessariamente da maneira privilegiada com base espacial. (Gonçalves, 1988:24)

O bairrismo é revelado “em situações mais ou menos ritualizadas” (Cordeiro, 1997:21) e expressivas, nomeadamente quando a rivalidade e a disputa entre bairros se manifestam, uma vez por ano, na competição das Marchas Populares.

3.1.2 – Sociabilidade e Bairrismo

O homem enquanto ser social tem necessidade de conviver com outros indivíduos, e estas interações constituem elementos estruturantes organizativos da vida urbana. Simultaneamente, este mecanismo permite um funcionamento equilibrado do sistema urbano, potenciando a criação de laços sociais através do encontro do equilíbrio e da sociabilidade humana.

Sociabilidade e Bairrismo são duas particularidades do espaço social urbano, resultado das interações e atividades dos indivíduos sobre o espaço geográfico e sobre a vida social ao longo dos tempos. Trata-se de particularidades análogas que ainda se encontram presentes nos bairros populares, ou em espaços relativamente pequenos.

No núcleo da Mouraria, ainda é perceptível o conceito de vizinhança, de pertença e de sociabilidade entre os residentes³⁹. Como é um espaço geograficamente pequeno⁴⁰, os residentes conhecem-se e ajudam-se mutuamente, subsistindo ainda uma solidariedade comunitária, uma entreatura coletiva, algo raro num ambiente urbano de maiores dimensões, onde o individualismo e o anonimato são as características mais visíveis (resultando numa impessoalidade e numa deterioração das relações sociais).

A construção da sociabilidade depende de uma rotina de convivência. Sem uma assiduidade habitual e contínua de contactos, as redes de sociabilidade tendem a ser mais fracas. A frequência diária ou ocasional dos mesmos espaços comerciais e sociais do bairro (o mesmo café, a mesma mercearia, a partilha de atividades de lazer ou a ida ao GDM) potencia a criação de laços sociais e a proximidade entre os indivíduos. A socialização também é feita através de pequenos gestos diários entre os habitantes. Um cumprimento, uma saudação ou um sorriso são elementos que se integram dentro deste fundamento.

Como é referido relativamente ao trabalho do antropólogo urbano Michel Agier pela Revista Brasileira online *Ponto Urbe*, “Em seus trabalhos, Agier acompanhou a construção de redes dilatadas que partiam de um núcleo inicial específico e territorializado, marcado pelas relações cotidianas e diferentes formas de sociabilidade (reciprocidades, confiança, clientelismo etc.), e constituído pelas esferas da família, trabalho, lazer, etc.”⁴¹ Foi este tipo de aproximação que também procurei fazer de forma a analisar as sociabilidades presentes.

A relação de sociabilidade que os comerciantes chineses (fornecedores de grandes quantidade de mercadorias) têm com os seus principais compradores (ciganos que depois vão vender as mercadorias para as principais feiras de Portugal) é uma forma de sociabilidade baseada no clientelismo. Um exemplo de sociabilidade baseado na confiança é o “role de

³⁹ Muitos dos residentes são familiares ou gerações que já ali se encontram enraizadas.

⁴⁰ Refiro-me às fronteiras socialmente construídas.

⁴¹ In <http://www.pontourbe.net/edicao9-resenhas/216-antropologia-da-cidade-lugares-situacoes-movimentos>

dívidas⁴² presente antigamente em muitos estabelecimentos (principalmente mercearias), sendo aí que se anotavam as dívidas dos clientes que estes depois saldavam no final do mês.

Viver num bairro típico como o da Mouraria parece ter algum carisma de tempos idos. Prova disso, na minha opinião, é o retorno ao bairro que o processo de requalificação do QREN Mouraria está a produzir. É moda ir viver para um bairro popular onde estão presentes elementos como a história, a alma e um encanto único (*processo de gentrificação*). Uma nova geração de moradores mais novos e alguns de classe social média/alta está a retomar as velhas casas de gaiola pombalina, que agora se apresentam renovadas e adequadas aos novos tempos.

Porém a sociabilidade e o bairrismo parecem ser duas dimensões da vida num bairro típico que estes novos moradores tendem a manter afastadas. Parece mesmo haver algum tipo de apreensão e afastamento em relação a este tipo de vínculos com os habitantes mais antigos. Talvez devido ao *stress* da vida dos dias de hoje, são raras as atividades socioculturais em que estes novos habitantes se envolvem. Hoje muitas pessoas preferem o anonimato e o isolamento em detrimento da exposição pública, quebrando a comunidade outrora mais homogénea.

Mas num bairro como a Mouraria, se pode dizer que a vida privada se mistura com a pública: a casa revela-se uma extensão da rua, esta uma extensão do bairro, e este uma extensão da cidade. Assiste-se a uma continuidade entre a casa, a rua e o bairro, não havendo uma separação do espaço urbano. As ruas são palco de acontecimentos individuais e coletivos que marcam a identidade dos residentes e do próprio bairro.

As pessoas interagem com o espaço e dessa interação resultam normas, condutas e comportamentos que marcam o espaço urbano. A forma como os residentes se relacionam com o lugar ou entre si é fonte de representações. O mesmo é dizer que as práticas e as relações vividas no espaço público criam imagens sociais que passam a caracterizar o bairro. Um exemplo é a venda e consumo da droga que fez da Mouraria um sítio problemático e deu uma imagem negativa ao bairro.

Um dos lugares de maior sociabilidade do bairro é a Praça do Martim Moniz. Trata-se de um dos lugares míticos de Lisboa e que atualmente se encontra renovado e atrativo, quer aos olhos dos turistas, como dos residentes e transeuntes. Entre um petisco indiano, japonês ou

⁴² Era um livro que existia em muitas mercearias onde se apontavam, e se iam acumulando as dívidas dos clientes.

cabo-verdiano saboreado numa esplanada a ouvir música, entra-se numa experiência de convívio multicultural.

A perspetiva sociológica de Émile Durkheim destaca que a coesão social só é possível quando os indivíduos se adaptam ao processo de socialização. Tal implica a assimilação de valores, hábitos, costumes e comportamentos que definem a sua maneira de ser e de agir, característicos do bairro ou da sociedade em que estão inseridos. Neste tipo de bairros prevalece uma consciência coletiva, ou seja, um conjunto de crenças e sentimentos comuns aos indivíduos que habitam um mesmo espaço.

Na altura da preparação, organização e produção das atividades onde o nome do bairro está envolvido (principalmente nas Festas Populares), os residentes mais envolvidos com a vida do bairro disponibilizam-se para auxiliar no que for necessário para que o seu bairro seja o mais bonito e atrativo da cidade.

A pessoa que se intitula *bairrista* possui e reúne intrinsecamente um sentimento de pertença ao bairro. Este tipo de indivíduos privilegia o coletivo e nunca perde o referencial da sua unidade territorial numa clara apropriação do lugar, evocando argumentos de ordem histórica, cultural e social. O seu discurso populista consiste em valorizar e glorificar fortemente o seu bairro, por muitos pontos negativos que nele reconheça. “A imagem dos bairros populares é construída através destes discursos que valorizam as sociabilidades tradicionais, o próximo, os entrelaçamentos de relações entre vizinhos e familiares, a pequena escala do bairro ou da rua” (Vidal, 2008:74). Uma inculcação de valores, normas, hábitos e práticas sociais consolidadas ao longo dos tempos, justifica que seja nos ditos bairros populares e típicos da capital que mais encontremos este tipo discursivo.

O bairrismo apresenta duas facetas: um lado positivo, onde a solidariedade e a convivência andam de mãos dadas e onde a população se identifica com os seus semelhantes (sejam os vizinhos ou os familiares); e um lado negativo, onde se exhibe um excesso de bairrismo e em que a invasão da privacidade se confunde com sociabilidade, dando lugar a coscuvilhice. Como resposta a este receio de invasão de privacidade, encontramos um bairro fechado sobre si, em que qualquer pessoa estranha que entre dentro deste espaço é encarada de modo desconfiado. Até mesmo a requalificação que está a ocorrer no bairro é vista por muitos residentes com alguma desconfiança, pois a mudança nem sempre é bem-vinda.

Álvaro de Oliveira⁴³ desenvolveu um projeto a que deu o nome de MyNeighborhood (ver Figura 17) com o propósito de recuperar a antiga noção de *vizinhança de proximidade*. O bairro da Mouraria foi o escolhido para esta experiência. As virtudes da tecnologia para o bem-estar dos residentes é a base deste programa. Segundo o professor, a tecnologia incentivará um maior contacto *face to face*. O objetivo é potenciar a interação dos vizinhos através de uma plataforma informática tipo *facebook de bairro*, provando que a tecnologia pode ajudar a reaver os laços de amizade que se foram perdendo. Através da utilização da tecnologia poder-se-á pedir ajuda a um vizinho. Num bairro onde a taxa de população idosa é superior a 60%, a tecnologia pode ser uma solução. Pode também ser uma oportunidade de criar emprego e chamar mais gente para o bairro.

A escolha não foi fortuita, pois a Mouraria tinha vencido pela segunda vez o Orçamento Participativo⁴⁴ e a preferência recaiu sobre este bairro envelhecido e esquecido da cidade. A questão da multiculturalidade não vai constituir uma dificuldade, pois as entidades públicas e as associações do bairro vão procurar um parecer para cada cultura, de modo a que tudo se adapte da melhor maneira. Uma forma diferente de utilizar a tecnologia em prol da comunidade, que esta maneira tenta recuperar a sociabilidade e o bairrismo.

3.1.3 – Festas de Lisboa: A Marcha e os Santos Populares na Mouraria

As festas do mês de junho em Lisboa marcam significativamente um período festivo da cidade, que se enche “de cor, e de uma alegria contagiante (...) é a maior manifestação da cultura e tradições da capital portuguesa”.⁴⁵ As noites festivas de devoção aos Santos Populares (Santo António, São João e São Pedro) são celebradas com símbolos e atividades de raiz popular e religiosa, onde arcos, balões, manjericos, alho porro, alfavaca, fogo de artifício, fogueiras e música, são elementos representativos dessa manifestação coletiva. O espetáculo é feito pelo cidadão e para o cidadão, que é ao mesmo tempo residente, ator e público da sua própria cidade.

⁴³ Professor da Universidade de Aalto, em Helsínquia, é engenheiro e foi conselheiro do Ministro Português da Indústria e Energia.

⁴⁴ OP – A primeira edição foi em 2008, e cabe aos cidadãos apresentar propostas para a cidade/bairro/rua (ou outras) e depois votar na melhor, que irá ser apoiada financeiramente de CML. É uma maneira que o cidadão tem de participar com ideias junto das entidades competentes.

⁴⁵ In <http://www.visitlisboa.com/Conteudos/Eventos/2013anual/06/Festas-de-Lisboa.aspx>

Passados 80 anos desde o início das Marchas Populares em 1932, a população continua a deslocar-se à Avenida da Liberdade para as ver desfilar, com o mesmo entusiasmo de sempre. O Conselho de Administração da EGEAC menciona duas razões para a sua durabilidade:

Creio que uma primeira resposta estará no próprio momento do seu próprio nascimento. Os anos 30 são um momento de renovação da cultura popular da cidade, em que se combinam e articulam novos espaços materiais e simbólicos dedicados à fruição artística (...). A segunda razão é consequência natural do extremo dinamismo do movimento associativo da Cidade, ancorado numa muito particular vivência dos seus bairros, afirmando-os como âncoras privilegiadas da sua originalidade e carácter.⁴⁶

Num artigo do Diário de Notícias de 12 de junho de 2005, Isabel Lucas menciona outra possível razão do surgimento desta iniciativa:

No auge da sua popularidade, o regime encontrava, assim, uma fórmula que encaixava na perfeição num processo a que Daniel Melo, investigador de História Contemporânea do Instituto de Ciências Sociais, chamou de "folclorização do Estado Novo português". "As marchas populares constituem um exemplo singular de folclorização ambicionam instalar uma tradição lisboeta, mas paradoxalmente recorrem, num momento inicial, a elementos pretensamente folclóricos de proveniência exógena (rural), e só depois reforçam os traços directamente associados à cidade". (...) Um acontecimento inédito era apresentado como fazendo parte da tradição numa altura em que, mais do que veicular ideias, importava distrair o povo (...).⁴⁷

Enquanto às Marchas Populares se consegue atribuir uma data formal (1932, tendo como impulsionador Leitão de Barros⁴⁸), as Festas dos Santos Populares não reúnem consenso. Os bairros populares de Lisboa eram convidados a participar nesta festa em louvor de Santo António, tendo Leitão de Barros organizado e coordenado vários desfiles. Mais tarde juntou-se a este processo de divulgação outro apaixonado pela cidade de Lisboa, Norberto de Araújo⁴⁹. Ele promoveu as Marchas Populares de Lisboa, e "percorreu os bairros interessados um por um, procurando chamar a atenção das colectividades organizadoras para as características próprias e a história de cada um. Era preciso que as marchas fossem

⁴⁶ In http://www.festasdelisboa.com/application/uploads/Revista_Marchas_web.pdf pag.5

⁴⁷ In http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=602500&page=2

⁴⁸ Leitão de Barros (1896-1967), foi entre muitas coisas, professor, cineasta, jornalista, pintor e dramaturgo.

⁴⁹ Nasce em 1889 e morre em 1952. Foi jornalista, escritor e pioneiro no campo da olisipografia com destaque para a obra "Peregrinações em Lisboa". Utilizou o jornal "Diário de Lisboa", em prol da propaganda das Marchas de Lisboa, onde era repórter.

essencialmente lisboetas e, portanto, que cada uma delas mostrasse o que tinha de particular.”⁵⁰

O surgimento das Marchas de Lisboa foi notícia da primeira página no Diário de Lisboa de Domingo⁵¹ de 12 de junho de 1932, com o título “Noite de Santo António, Marchas Populares, Bairros em Festa e o Reviver das Tradições” (ver Figura 18). Representados estão também símbolos, que acompanham estes dias festivos e que perduraram até aos nossos dias.

Apesar de ter sido criado durante o Estado Novo, mesmo depois de terminar o regime político salazarista, o povo quis a sua continuação e o seu enraizamento como elemento fundamental da cultura popular.

O Diário de Notícias, na reportagem de 12 de junho de 2005, intitulada de *Uma ‘tradição inventada’ em 1932* refere:

Em 1935, a Comissão Executiva das Festas de Lisboa – entretanto criada – sublinhava, num texto publicado no Notícias Ilustrado em 9/6 “idéa feliz esta de ir ao povo dizer-lhe como há-de fazer para transformar a sua alegria expansiva e rude no ritmo de uma obra de arte”. Ensinou-se ao povo como se divertir e o povo assimilou. Em poucos anos, a cidade apropriou-se das marchas e vendia-as como símbolo de uma identidade que misturava o rural e o urbano, num postal que o cinema das décadas de trinta e quarenta ajudou a compor.⁵²

Ao aperceber-se da importância que as Marchas Populares tinham para a cidade e para os lisboetas, a Câmara Municipal de Lisboa veio comunicar que estava disponível para patrocinar e apadrinhar esta iniciativa convertendo-a num evento popular.

Porém a versão das Marchas Populares de Lisboa tal e qual como as conhecemos hoje, nem sempre foi assim. Ao longo dos anos houve transformações, quer na organização do evento, quer na sua performance e chegou mesmo a haver suspensões por motivos diversos. A partir de 1980, as Marchas impuseram-se como um dos eventos principais de Lisboa sem interrupções.

Elas são exibidas como expressividade da autenticidade do bairrismo lisboeta, numa manifestação de folclore urbano. “Durante estes meses toda a cidade os olha como um símbolo vivo da sua história, incorporação de um passado mitificado (...) da sua autenticidade, da sua convivialidade, da sua humildade” (Cordeiro, 1997:251).

Segundo o que está escrito no relatório da Comissão Consultiva das Festas de Lisboa de 1990, o “que caracteriza o essencial das marchas são:

⁵⁰ In http://www.festasdelisboa.com/application/uploads/Revista_Marchas_web.pdf, pág. 7

⁵¹ Jornal diário publicado em Lisboa e fundado em 1921.

⁵² In http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=602500&page=2

- 1º a utilização do período dos dias de Santos António, S. João e S. Pedro;
- 2º a fórmula desfile-cortejo assumido pelas marchas;
- 3º a fórmula máscara não-exclusivamente carnavalesca, mas com uma componente teatral;
- 4º a exploração da diferenciação bairrista da capital”⁵³

Neste ano de 2013, o tema das Festas de Lisboa é “Lisboa, os 500 Anos do Encontro Cultural Portugal/China, o quinto centenário da construção do Bairro Alto e o 125º Aniversário de Fernando Pessoa.”⁵⁴ Tal como o ano passado, contará com a presença da atuação do grupo de Macau e pela primeira vez o Japão estará representado por uma dança folclórica intitulada *Cavalo Selvagem*, do grupo Arauma Chivo.

No início de cada ano, começam as reuniões da CML com as coletividades ou associações, na preparação do evento. Como tem sido habitual há vários anos, cabe ao Grupo Desportivo da Mouraria⁵⁵ o planeamento e a organização da Marcha Popular do bairro.

O encenador⁵⁶ prepara a coreografia, a letra e os adornos, e ainda desenha os vestidos, tudo com um orçamento muito reduzido num tempo de crise. O tema das músicas da marcha e os seus adornos relacionam-se com a identidade do bairro: o fado é o tema principal deste ano. A partir de abril até ao dia do desfile, os marchantes apresentam-se todos os dias às 21h30 no recinto de futebol do GDM para ensaiarem.

Durante praticamente um mês observei os ensaios (ver Figuras 19 e 20). A dedicação, o amor ao bairro e a vontade de participar no evento, são o motor desta equipa que todos os dias até à meia-noite se dedicam a esta atividade.

Os marchantes passam de geração em geração. Hoje são os filhos, ontem foram os pais, os tios e os avós. São quase sempre familiares⁵⁷, vizinhos ou amigos de amigos que se juntam para formar o grupo que irá desfilar na Avenida da Liberdade. A vice-presidente do GDM diz que *98% são do bairro e o resto é que vêm de fora*. Na marcha da Mouraria a idade não

⁵³ In <http://www.festasdelisboa.com/festas2013/> - pág. 29-30

⁵⁴ In http://www.festasdelisboa.com/wp-content/uploads/2013/05/GUIA_FESTASDELISBOA13_web1.pdf - pag. 41

⁵⁵ O GDM foi fundado no dia 1 de maio de 1936, tendo como principais objetivos promover atividades desportivas e culturais. Tem atualmente uma escola de fado e de guitarra.

⁵⁶ Fernando Santos tem dedicado voluntariamente o seu tempo à marcha da Mouraria desde 2003.

⁵⁷ Mais uma vez encontramos (em 2013) na marcha uma família inteira constituída por avó, pai e esposa e filhos.

ultrapassa os 35 anos, por isso são uma marcha juvenil, tendo o mais novo 13 anos. A sua juventude e imaturidade, própria da idade, faz com que por vezes a distração e paragens no ensaio sejam frequentes. Miúdos de 3 e 4 anos imitam e tentam acompanhar os mais velhos na coreografia (ver Figura 21). É desta forma, segundo me conta o presidente do GDM, que *eles começam a tomar gosto pela marcha*.

De dia para dia, vou verificando a evolução de cada participante e do grupo. *Não se pode pedir muito a voluntários que depois de um dia de trabalho vêm para aqui ensaiar*, comenta o ensaiador. São 48 voluntários e outros tantos ajudantes (diretos ou indiretos) que participam e ajudam, para que no dia 12 de junho tudo esteja organizado.

Quando confrontados com a pergunta: Porque vais na marcha? Eis aqui algumas das respostas:

- Porque quero representar o bairro, e porque é já uma tradição da família.
- Os meus pais também vieram e eu desde pequenita que vinha com eles para os ensaios, e como nasci aqui, quero entrar na marcha, mas em pequena fui a mascote.
- A Mouraria e o Benfica são tudo para mim.
- Pelo amor ao bairro.
- Quando chega a altura das marchas é como se nascesse outra vez, revivo o passado.
- Amor ao bairro onde nasci, casei, moro e hei-de morrer.
- O ano passado quase me divorciei porque eu entrei na marcha e a minha esposa não, ela ficou com ciúmes da minha companheira e foi complicado dar a volta.

O Senhor Pedro (presidente do GDM) conta-me que “antes, a competição entre bairros era mais feroz, tão feroz que a coreografia, as vestes e tudo o resto era segredo até ao ensaio geral. Alfama, Alfama, é a nossa maior rival, poucos conseguem competir com ela. Prémios há muitos, desde o melhor figurino, música e coreografia mas o prémio a sério foi em 1981”.

No dia do ensaio geral, 31 de maio, perante o público do bairro, a coreografia estava alinhada e as vozes afinadas. Os moradores vão chegando, a banda vai ensaiando, e os moradores vão-se instalando. Às 22 horas começa o ensaio, com cerca de 90 pessoas a assistir. Cachecóis e t-shirts feitos de propósito para dar apoio à marcha são vendidos à entrada e são colocados logo de imediato. Uns filmam, outros tiram fotos, outros aplaudem, outros agitam os cachecóis e todos orgulhosamente assistem ao desfile com entusiasmo. A marcha desfila duas vezes, o seu reportório, para o seu público e no fim, no meio dos aplausos, o grito final dos moradores *héhéhé, a Mouraria é que é!* ou *A Mouraria é linda!* (ver Figuras). No final a exaltação tinha tomado conta do recinto e o público interagiu com os marchantes e com o ensaiador. A imaturidade juvenil tinha desaparecido e dado vez a um amadurecimento incrível. “*Nem perecem os mesmos*”, dizia-me o ensaiador no final.

Outro momento de êxtase é a apresentação no Meo Arena (antigo Pavilhão Atlântico). Aqui a competição é colossal, infernal, e *é mesmo uma maluquice toda a gente aos berros, pulos e houve um ano que até pancadaria houve*, comentou o Senhor Rodrigues. O último momento e o mais simbólico, é no dia 12 de junho, o desfile pela Avenida da Liberdade. São momentos de grande agitação, onde se incita, incentiva e de um certo modo se promove o bairro.

Durante todo o mês de junho, em becos e largos do bairro, são improvisadas esplanadas, bancas, cafés e restaurantes onde pequenos grupos de amigos se juntam para ali fazerem negócio. Nesta altura, cria-se um espírito associativo e participativo onde todos ajudam. Venda de cerveja, sardinhas e bifanas, conjuntamente com música “de bailarico” e música brasileira, produzem uma festa com uma mistura de cheiros (a manjerico, sardinhas e farturas). A atuação de músicas brasileiras e a participação e o convívio de imigrantes principalmente brasileiros e romenos faz com que a multiculturalidade se alie ao bairrismo.

No dia 12 de junho de 2013 pelas 21h40, a marcha desfilou pelas principais ruas do bairro antes de embarcar na camioneta que os levaria à Avenida da Liberdade. A música que tocava em vários arraiais espalhados pelo bairro parou só para os ver passar. O entusiasmo foi total. Por onde passava a marcha, as pessoas vinham à janela, acenavam e só se ouvia *héhéhé, a Mouraria é que é!*

Este ano (2013) a oferta cultural continua a ser vasta, desde exposições a teatro e desporto. O Japão irá realizar uma festa em comemoração dos 470 anos das relações entre Portugal e o Japão, e um evento intitulado “Lisboa Mistura- Músicas do Mundo” - um projeto intercultural de músicos de vários países. O bairro do Castelo e o Martim Moniz são os locais escolhidos para esta atividade, que pretende mostrar a abertura de uma cidade contemporânea e cosmopolita ao multiculturalismo.

É de extrema importância a realização destas festas para o bem-estar social da população. Momentos de divertimento e entretenimento social fazem com que os indivíduos esqueçam por momentos a crise socio-económica que se vive atualmente. “Sem celebrações festivas, desmoronam-se as bases da comunidade, perdem-se as ocasiões da sociabilidade. A festa vincula, socializa, identifica; sem festas, os indivíduos isolam-se, tornam-se maus. As festas são uma restauração periódica das fontes da sociedade” (Teixeira, 2010:29).

3.2. Diversidade Cultural e Multiculturalismo

A antropologia sempre se focou nas sociedades do mundo e em tudo o que com elas se relaciona. Hoje, o campo de investigação, apesar de ser mais vasto, não deixou de lado o “Outro”.

Todas as sociedades diferem entre si. Lévi-Strauss no seu livro “*Raça e História*” defende que as diferenças culturais não são importantes mas sim a homogeneidade humana de pensamento, e que nem todas as culturas humanas divergem umas das outras da mesma maneira. Ao analisar diferentes culturas devemos considerar fatores tão simples como contextos geográficos, históricos e sociológicos, e não aspetos mais imediatistas como a cor da pele ou práticas rituais. Esta multiplicidade de diversidades culturais deriva da criatividade do Homem para a solução de problemas que tem que ultrapassar, de que é exemplo a necessidade de se adaptar à natureza (2003 [1952]:9).

Maria Mendes (2012:17) refere que o multiculturalismo em certas circunstâncias tem o mesmo valor ou pode substituir a diversidade. Este termo *multiculturalismo* é uma palavra recente que entrou no nosso vocabulário e que se começou a usar sem perceber o seu significado (Alves, 2010:28), acabando por ser popularizado pelos *medias* para demonstrar que Lisboa, é uma cidade cosmopolita em constante transformação, que sabe viver em conjunto com a diversidade populacional (Guerra, 2008:106). Marta Rodrigues (2012:20/21) refere que o multiculturalismo tanto pode unir as culturas destacando as semelhanças, como distanciá-las comprovando as suas diferenças.

Se hoje os termos “diversidade cultural”, “multiculturalismo” ou “multiétnico” estão mais em voga, não é pelo fato de haver mais culturas do que antigamente. Tal acontece porque estes conceitos contêm uma conotação positiva e porque existe uma maior abertura e tolerância em relação ao “Outro”.

No bairro da Mouraria em Lisboa, é possível aplicar à realidade todos estes conceitos. Vivemos lado a lado com a diversidade cultural e com o multiculturalismo. O bairro da Mouraria é um ótimo exemplo, onde pelo menos 56 nacionalidades convivem diariamente.

“A coexistência de diversidade de culturas torna as cidades lugares de manifestações globais, manifestações universais e lugares de encontros, lugares da diferença. Nesse sentido, a multiculturalidade e a interculturalidade, a espacialidade e as territorialidades, são temáticas para compreender a prática dos sujeitos na cidade”⁵⁸

⁵⁸ Revista Geográfica da América Central, Número Especial EGAL,2011,Costa Rica, II Semestre 2011, pág.7.

3.2.1. “Dois lados” do multiculturalismo

O processo da globalização fez disparar os fluxos migratórios e facilitou a disseminação de novas tecnologias de informação e comunicação, criando condições para a implementação do multiculturalismo. Os encontros com outras culturas tornaram-se fatores de enriquecimento e abertura a novas e diversas possibilidades.

O multiculturalismo pretende eliminar as desigualdades, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento para todas as culturas. O que somos a partir da imagem que vemos no “Outro”, é uma questão que deve ser questionada sempre que o “Eu” e o “Outro” são confrontados. Quanto menor for a distinção ou a disparidade entre estes dois sujeitos, maior a relação entre os dois.

Uma relação positiva com o “Outro” exige confiança numa sociedade baseada na diferença e diversidade humana, a qual só é possível se nos sentirmos seguros com a nossa própria identidade. As reticências, preconceitos, ou mesmo a exuberância e a recepção forçada são muitas vezes amplificadas pelos “media”, desencadeando manifestações irrefletidas a nível individual. Defrontamo-nos ainda mais vezes com uma atitude de indiferença perante o “Outro”, não se trata necessariamente de aceitar as diferenças, mas sobretudo de uma tolerância consensualmente irrefletida, onde presença e diferenças são ignoradas: sabemos que o Outro existe, mas não “O” assumimos como parte integrante do nosso quotidiano. Tal como no discurso preconceituoso existe uma ideia pré-definida, que induz a um julgamento, também a indiferença é consequência de uma interpretação prévia, a ausência de conhecimento sobre culturas não-ocidentalizadas, inibindo um julgamento isento sobre o “Outro” contemporâneo (Rodrigues,2012:20).

O preconceito e o medo do “Outro”, do desconhecido, leva a que o confronto com a alteridade seja por vezes desconfortante. Isabel Guerra, no seu artigo *A cidade multicultural e multiétnica, gestão da diversidade e procura da democracia* refere mesmo que “nos anos 70 a violência urbana era entendida como reacção lógica e compreensível, senão mesmo legítima, à violência do meio físico e urbano onde os imigrantes estavam inseridos” (2008:109).

A falta de conhecimento da língua e da cultura são negatividades que impedem a comunicação e a compreensão do “Outro”. Ao quebrar-se o simbólico, quebra-se o social.

O *moisaico cultural* que encontramos no bairro da Mouraria começa já a ser tolerado pelos moradores mais antigos e mais reticentes à interação, fruto de intervenções públicas e privadas que tentam demonstrar que a multiculturalidade pode ser benéfica. Para combater os efeitos da discriminação, da indiferença e da marginalização que por vários motivos se foram criando (raciais, religiosos, étnicos, etc.), contribuiu uma proliferação de ações, divulgações e atividades multiculturais. Exemplos encontramos-los no Corredor Intercultural, no festival TODOS – Caminhada de Culturas ou em passeios temáticos onde se dá a conhecer a

comunidade chinesa da Mouraria. Estas ações visam explorar o potencial sociocultural e económico da multiculturalidade do bairro, ao mesmo tempo que contribuem para desmistificar estigmas e preconceitos. Já se encontram autóctones nos supermercados chineses onde se podem comprar produtos importados e exóticos, bem como nos spas onde as terapias chinesas são muito apreciadas. Os restaurantes indianos, goeses e africanos são os mais procurados pela população em geral.

Os próprios *media* começam também a ter outro tipo de discurso, mais positivo e esclarecedor. Esta mudança discursiva promoveu a interação, o convívio e a aceitação (ainda que num processo algo lento) da miscigenação de culturas que predomina no bairro, o que se manifesta no discurso dos residentes em relação aos imigrantes.

A senhora Deolinda de 76 anos referia:

- O bairro agora está mais bonito. Eles tem a sua cultura e nós a nossa, temos que conviver todos e eu pessoalmente nunca tive problemas com eles. Eu até vou à mercearia do Anil comprar lá as minhas coisas para casa. Também vou ver os espetáculos (referindo-se ao festival TODOS), que decorrem aqui no bairro.

O Senhor Alberto que veio retornou a morar no bairro salienta:

- Epá, eu dou-me com toda agente, seja indianos, chineses ou americanos. Mas parece-me que eles agora conversam melhor connosco e nós com eles. Agora como estou desempregado tenho passado as tardes na conversa com o dono da mercearia ali na esquina. Ele ainda fala mal o português mas a malta entende-se.

Lindgren Alves destaca num artigo sobre o multiculturalismo, Caroline Fourest⁵⁹ que refere que “a diversidade enriquece-nos” (2010:29). Um dos benefícios da multiculturalidade é a vivência e o contacto numa interação equitativa com povos diferentes, o que enriquece o indivíduo enquanto *ser humano* e amplia as possibilidades de escolha que cada cultura pode oferecer.

3.2.2 Um bairro caracterizado pela imigração

Numa primeira fase habitacional, o bairro da Mouraria foi destinado a albergar “o Outro”, o não cristão. Numa segunda fase (início do século XX), deu-se um enorme movimento de êxodo rural de indivíduos vindos do interior do país que aqui se fixaram numa procura de emprego e de melhores condições de vida na capital. Numa fase seguinte, a implantação do

⁵⁹ Caroline Fourest – jornalista francesa e feminista

regime democrático em Portugal (1974) e o retorno dos portugueses radicados nas ex-colónias produziram fluxos migratórios de diversa proveniência, o que originou a heterogeneidade que hoje conhecemos no bairro (Rocha-Trindade, 2010:42). Atualmente, todos os dias chegam ao bairro imigrantes que se instalaram à procura de novas oportunidades.

A história deste bairro está também associada à imigração de indivíduos que se encontram de passagem, “uma mobilização cultural consciente definida pelos estatutos (refugiado, exilado, trabalhador, estudante) que compõem o novo mapa-mundo cultural”. (Rodrigues, 2012:19). Para isso contribuiu o processo da globalização que veio facilitar a livre circulação de indivíduos e fez aumentar o número das estatísticas da imigração.

Estes movimentos migratórios constantes ao longo de séculos permitem-nos confirmar a tese de que ao longo da biografia de Portugal sempre existiu uma significativa instabilidade humana provocada pela inconstante circulação populacional dentro e fora do país (Rocha-Trindade, 2010:40). Acrescem alterações socioeconómicas como a abertura das fronteiras e a livre circulação de indivíduos, o aumento da imigração, o acréscimo de fluxos turísticos, que muito contribuíram para modificar a composição da população portuguesa (Martins, 2011:14/15). Conseguir orientar e dirigir estes aumentos migratórios tornou-se uma incumbência árdua da atual sociedade e das suas instituições (Guerra,2008:99).

Os centros históricos encontram-se muito degradados – apesar de atual recuperação patrimonial – o que torna os preços da habitação mais acessíveis. É assim um atrativo habitacional para os imigrantes que chegam e que não possuem muitas posses económicas. Às fracas condições económicas dos novos habitantes, junta-se a pobreza e a discriminação social dos habitantes residentes há mais tempo no bairro (Pujadas, 2008:150).⁶⁰

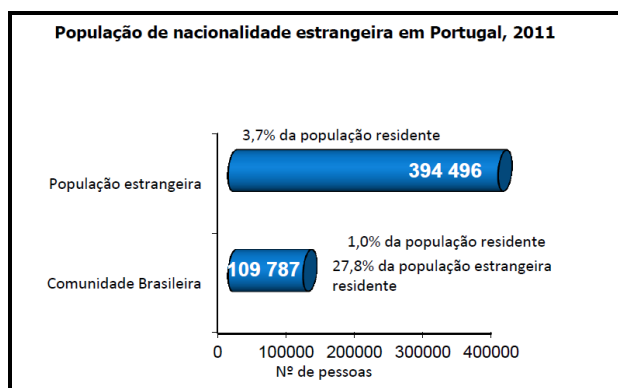
O bairro da Mouraria, já de si marcado por atividades ilegais ligadas à droga e à prostituição e por uma profunda estigmatização, acolhe todos os dias novos habitantes num ininterrupto trânsito migratório. As razões para a tomada de decisão de sair do país natal não são unânimes, contudo o fator preponderante é a procura de melhores condições de vida e melhores salários. Mas por vezes Portugal é apenas um local de passagem para outro país europeu e muitos indivíduos com quem conversei, anseiam regressar ao seu país natal.

Segundo dados dos censos de 2011 a comunidade brasileira representa 31,4% da população imigrante no país (ver Quadro 3), sendo a mais representativa das comunidades estrangeiras a residir em Portugal. Este panorama é pouco significativo no bairro da Mouraria,

⁶⁰ O artigo de Joan Pujadas faz parte de uma colectânea do livro - Cordeiro, Graça Índias e Frédéric Vidal, (eds), (2008), *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa, Livros Horizonte

ao contrário de outras nacionalidades como a chinesa ou a indiana que apresentam elevada presença.

Quadro 3 – População estrangeira a residir em Portugal em 2011



Fonte: Dados retirados do site do INE, 2011

Há que referir que a maioria dos imigrantes não entra nas estatísticas. O número de imigrantes na freguesia do Socorro de acordo com os Censos 2011, trata-se de uma ínfima parcela do número de imigrantes existentes nesta freguesia. Segundo fonte da Junta de Freguesia do Socorro, a população estatisticamente ronda as 3.000 pessoas, mas o número pode chegar aos 10.000 habitantes.

Muitos dos imigrantes não preencheram os papéis do Censos e por isso não estão contabilizados na freguesia.

3.2.3 Integração / Socialização / Aculturação

Ao chegar ao país de acolhimento, o imigrante procura um local de fácil adaptação, onde pode encontrar alguma familiaridade e convivência junto dos seus concidadãos. Este fenómeno leva à criação de comunidades ou associações nos países de acolhimento, que oferecem ao imigrante apoio a vários níveis: emocional, solidariedade e burocrático. Trata-se de uma forma de associativismo que, depois de implantada e enraizada, conduz muitas vezes à formalização jurídica e legal de verdadeiras instituições (Rocha-Trindade, 2010: 44).

Numa entrevista dada à revista Visão a 23 de novembro de 2012, Rosário Farmhouse (Alta Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural), quando questionada se Portugal sabe receber bem os imigrantes, responde:

Somos o segundo país, de um índice de 32 países, do ponto de vista de integração dos imigrantes - antes de nós está a Suécia. Dados do Eurobarómetro fazem de Portugal, apesar de estar num momento de crise, um dos países que melhor lida com a diversidade, que melhor aceita a pressão da diversidade e que menos sente uma ameaça na vinda de imigrantes.⁶¹

No caso específico do bairro da Mouraria, houve em tempos um ponto de encontro das comunidades do Senegal, Mali e da Guiné que partilhava o mesmo espaço num beco da rua do Benfornoso⁶². Um exemplo de sociabilidade, cumplicidade e entendimento mútuo. Existia uma única sala, onde duas televisões, uma em cada canto, sintonizadas em canal em canais diferentes, transmitiam notícias dos países aqui representados. Aqui se reuniam inúmeros indivíduos partilhando um lugar pequeno para tanta gente.

Em Portugal estão contabilizadas, no site da ACIDI, 132 associações de imigrantes de diversos países. Estas associações de imigrantes foram e são um forte aliado na conservação e no esforço para manter a identidade dos indivíduos imigrantes, além de assegurarem algum tipo de aconchego familiar e ajudarem a superar a solidão e o afastamento do seu país natal (Rocha-Trindade, 2010: 48). Estas instituições apresentam diferentes funções e contextos de atuação. Maria Rocha-Trindade (2010:47) refere alguns exemplos no seu artigo *Associativismo em contexto migratório* - “instituições orientadas para a promoção e manutenção das ligações afectivas às regiões de origem (...); instituições culturais, incluindo bibliotecas e organizações de vocação educacional e de difusão cultural; instituições de vocação desportiva e recreativa e instituições de vocação diversificada (...)”.

A concentração homogénea de nacionalidades num determinado lugar propicia um apoio mútuo, na medida em que existe a partilha dos mesmos símbolos e da mesma linguagem. É através deste apoio que se fortifica a sociabilidade e que o imigrante consegue nos primeiros dias de estadia algum tipo de auxílio para obtenção de emprego e habitação (Mapril, 2010:253). Provavelmente algum membro da família já se encontra instalado no bairro, onde tem o seu próprio negócio. O “elemento familiar” ou o “fator amizade” são os fatores mais relevantes para a fixação de imigrantes num determinado lugar.

Se algum destes fatores em cima descritos falha ou simplesmente não existe, a sobrevivência do indivíduo pode ser colocada em causa. Mais desprotegidos e frágeis, os

⁶¹ In <http://visao.sapo.pt/os-paises-mais-abertos-a-diversidade-mais-ricos-se-tornam=f697857#ixzz2XDsOMHTB>

⁶² Atualmente é uma espécie de hotel com divisórias, que serve de porto de abrigo aos recém-imigrantes, desfavorecidos e desempregados, segundo me conta Nuno Franco da ARM.

recém-chegados sentem-se atraídos pelas atividades ilegais como garantes da sobrevivência (Guerra, 2008:105).

Por vezes realiza-se encontros culturais e há realização de festas que celebram efemérides dos países de origem dos imigrantes. Estas festas são importantes na vida social destes indivíduos: além de partilharem a cultura do seu país com os residentes, mantêm os laços afetivos com o seu país.

É também habitual que os imigrantes ao longo do tempo se acostumem a certas regras, hábitos e comportamentos do país de acolhimento enquanto estratégia de integração.

Os diversos grupos sociais que foram ocupando um território, ainda que inicialmente se afrontassem, ao radicarem-se nele, tiveram de dialogar e de criar mecanismos de permutabilidade. Esses contactos desembocaram, em alguns casos, numa assimilação de valores e culturas, numa miscigenação de homens e actividades materiais, criando novos e sincréticos complexos humanos e civilizacionais. Mas a convivência entre povos e culturas diversos fomentou também, não poucas vezes, o esforço para favorecer a inclusão e coesão social, uma abertura à aceitação e respeito pelas diferenças, abrindo-se a sociedade a um convívio multicultural pacífico e enriquecedor ou a uma activa interacção cultural (Coelho, 2008:71).

3.2.4 Apropriação do espaço urbano

A apropriação do espaço urbano é frequentemente instável. Fenómenos como a crise económica, a crescente imigração ou o aumento do desemprego conduzem a mudanças no espaço urbano de qualquer cidade ou bairro.

A presença de recém-chegados com novas práticas e representações materializa-se em novas formas de organização funcional do lugar. Bangladechianos, indo-portugueses, guineenses, senegaleses, chineses, paquistaneses e mais recentemente brasileiros invadem o espaço urbano da Mouraria. Ao sábado de manhã são muitas as carrinhas de transporte de mercadorias a descarregar, de tal modo que o trânsito nesta zona se torna caótico - impressiona a quantidade de mercadorias, os enormes volumes e o fluxo de indivíduos que participam (ver Figura 23). Existe uma relação entre o desenvolvimento de atividades laborais, com a produção e apropriação do espaço urbano.

Desde a sua génese, o bairro da Mouraria sempre foi ligado ao comércio e hoje ainda continua a sê-lo. Quando o imigrante chega ao bairro, a paisagem urbana e pública já está

“construída”, mas ele, com base nos seus hábitos e crenças, desenvolve novas estratégias de apropriação e modificação do espaço.

As pessoas deslocam-se e apoderam-se do espaço urbano conforme determinados contextos que lhe são próprios e que ao mesmo tempo são fixados historicamente: gostos, idade, sexo, religião, afinidade, etc. (Mendes, 2011:487).

As diferenças culturais podem causar dificuldades de interação e discussões entre os residentes mais antigos e os novos. No caso do bairro da Mouraria, os nativos queixam-se que os imigrantes se apropriam dos espaços públicos, como dos bancos de jardim e das ruas, o que causa divergências.

Se antes a concentração das lojas circundava uma pequena parcela do bairro, presentemente existe um prolongamento da apropriação do espaço. Assiste-se à abertura de lojas nas vias adjacentes da Praça do Martim Moniz, Rua do Benfornoso, Poço do Borratém, Rua da Palma, Avenida Almirante Reis chegando até à Praça do Chile. O comércio também se diversificou, havendo agora supermercados e frutarias chinesas a preços baixos, spa's, lojas de telemóveis, livrarias e restaurantes ilegais. A predominância vai para as antigas “lojas dos 300”, agora intituladas de “lojas dos chineses”.

Uma particularidade que já me tinha constado e depois vim a verificar no trabalho de campo foi que as comunidades se apropriam do espaço comercial do bairro consoante a sua etnia. É possível associar certas zonas ou ruas a determinadas comunidades: a Rua do Benfornoso congrega as comunidades indiana e bangladechiana, a Rua da Palma e algumas ruas do centro do bairro da Mouraria apresentam numerosos estabelecimentos comerciais explorados pela comunidade chinesa e na Avenida Almirante Reis predominam as comunidades indiana e paquistanesa. Os dois centros comerciais, o da Mouraria e do Martim Moniz, apresentam a quase totalidade das lojas exploradas pelos chineses.

Ao longo de várias ruas do bairro, as lojas de comércio multiplicam-se, junto com restaurantes, locais de culto - duas mesquitas, duas igrejas evangélicas e outros locais de culto ligados quer à comunidade brasileira, quer à comunidade chinesa – e habitação. A maioria destas lojas foi apropriada pelos imigrantes e são poucas as lojas de comerciantes portugueses que resistem. Trata-se porém de um cenário instável que se apresenta em mutação constante, de um momento para o outro a loja de bijutaria passa a ser uma mercearia, passando para outro proprietário.

Marluci Menezes (2009:302) referindo-se ao arquiteto Nuno Portas destaca que “o espaço público é mais que um elemento de décor urbano - ele constitui/é a estrutura da própria cidade.” Com a apropriação do espaço por parte da enorme diversidade de etnias ali

residentes, as práticas sociais exteriorizadas na rua são também elas diversas em função das práticas socioculturais de cada etnia. Acrescem outros fatores que contribuem para esta diversidade de movimentações no espaço público do bairro: horários laborais, períodos religiosos (Ramadão), dias da semana (uns são mais movimentados do que outros), e a alternância entre períodos diurnos e noturnos (neste último período predominam as atividades ilegais).

3.2.5. Retrato contemporâneo da Praça do Martim Moniz

Situada no centro histórico de Lisboa e após sofrer muitas transformações urbanísticas e estéticas, a Praça do Martim Moniz apresenta-se hoje ao público sob a capa de “centro multicultural”. Aí assistimos a um encontro e cruzamento de culturas, a uma dinamização e promoção de atividades de lazer, comércio, animação e sobretudo de convívio cultural.

Antigamente este local apenas servia como lugar de passagem de um lado para o outro (geralmente servia de passagem dos chineses carregados com as mercadorias às costas de um centro comercial para o outro), sendo facilmente identificáveis as relações sociais nele estabelecidas uma vez que os atores sociais eram sempre os mesmos. Presentemente está diferente, afirma-se como um eco de multiculturalidade, com mudanças na paisagem urbana, quer a nível dos seus atores sociais, quer a nível estético.

A principal atração é o chamado “mercado de fusão” (ver Figura 24) que decorre aos fins de semana onde os vários *stands* dispõem de produtos variados e alternativos. Exemplos de *stands* presentes são o stand da Merceria S. Tomé e Príncipe, o da Faculdade de Medicina Tradicional Chinesa ou a banca do Minho Fumeiro (sendo alternados por outros).

Dez restaurantes mostram a grandeza gastronómica de proveniências tão variadas como o Japão, China e de várias origens africanas (ver Figuras 25 e 26). Podemos igualmente encontrar aí restaurantes que servem os tão afamados e conhecidos petiscos portugueses. Estes estabelecimentos da Praça estão aqui permanentemente, abertos durante todos os dias da semana, fazendo a delícia de muitos indivíduos que aqui vêm experimentar novos sabores. Aos fins de semana, o “mercado de fusão” é acompanhado por música que invade a Praça com concertos ou dj’s.

A qualquer hora da semana e do fim de semana, veem-se turistas, lisboetas e transeuntes sentados nas várias esplanadas dos restaurantes ou nas espreguiçadeiras, a comer ou

simplesmente a tomar um refresco. A fonte e os repuxos de água que rondam a praça seduzem muitos turistas, bem como as crianças que aqui se refrescam nos dias de muito calor.

O discurso dos *media* acompanha as novidades nesta área da cidade. Títulos simpáticos invadem os jornais e as reportagens televisivas, com notícias atrativas e aliciantes, convidando os indivíduos a uma visita:

- “Martim Moniz é uma praça do mundo e um mercado de fusão” – Jornal Público, 9 de junho de 2012
- “Lisboa: Conheça o Martim Moniz com vida” – Jornal Sol, 9 de junho de 2012
- “Os renovados Largos do Martim Moniz” – Revista Visão, 26 de julho de 2012.

Na minha opinião, a Praça do Martim Moniz parece estar finalmente a ganhar lugar no coração dos portugueses. Um lugar que faz parte da história da cidade de Lisboa e que foi durante muito tempo uma área esquecida e votada ao abandono.

3.2.6 Um exemplo de partilha multicultural: Festival TODOS – Caminhada de Culturas

O Festival TODOS – Caminhada de Culturas tem uma história que remonta ao ano de 2008. Enquanto presidente da Academia de Produtores Culturais, Miguel Abreu enviou em 2008 à CML, na pessoa da Vereadora Dr.^a Manuela Júdice que coordenava o GLEM (Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos), uma carta de apresentação da APC. Esta missiva continha a proposta de realização de projetos de desenvolvimento social e cultural que envolviam competências em diversas áreas (Cultura, Social, Turismo, Educação, Espaço Urbano).

Uma das propostas era a realização de um desfile multicultural que se realizaria na Praça do Comércio. Como a ideia não recolheu um acordo generalizado, foi proposto à APC apresentar uma nova proposta multicultural.

Para o novo plano foi pensada a palavra TODOS, em vez de desfile de culturas, e elaborada uma proposta segundo a qual o evento seria um despertar da população para a descoberta das culturas existentes na cidade. Esse desfile seria afinal uma caminhada e, em vez de uma festa isolada, seria um projeto de desenvolvimento sociocultural de um bairro. Como refere Miguel, “tratou-se de um projecto integrado, a partir do olhar cultural e com recurso ao olhar dos artistas, desenvolvido ao longo de seis meses de trabalho com a

comunidade e que desaguou, depois de uma semana de trabalho, num festival multicultural.”⁶³

Miguel Abreu também refere que por razões óbvias, escolheu a Mouraria e o Martim Moniz, locais de fácil identificação com a ideia de bairro multicultural. Numa primeira hipótese ainda se pensou começar no Areeiro e terminar na Praça do Martim Moniz, mas o orçamento não dava para ser uma área tão grande e teve que se encurtar e definir o eixo Intendente – Mouraria – Martim Moniz. O risco era grande em lançar espetáculos à noite no Largo do Intendente, contudo a aposta foi ganha com muita adesão do público logo no primeiro ano.

Este festival veio a inserir-se num outro grande projeto de requalificação do bairro da Mouraria. A CML tinha a intenção de recuperar o ícone do bairro, o fado, e neutralizar a droga e a prostituição, pelo que o projeto do TODOS – Caminhada de Culturas teve de imediato o total apoio do Senhor Presidente da CML, Dr. António Costa.

Tal como o título do evento nos sugere, trata-se de uma caminhada de culturas, onde se procura valorizar e desmistificar a diversidade cultural, num território urbano onde várias tradições, costumes e comportamentos se cruzam. O festival tem assim como principal objetivo dar a conhecer uma parte da capital que se quer cosmopolita, aberta e heterogénea. Fá-lo principalmente através da música, do teatro, da fotografia, da dança e da gastronomia. Através da interação e de um contacto mais próximo entre imigrantes de vários pontos do globo, residentes do bairro, e a população em geral, torna-se possível o conhecimento de outras culturas sem se sair de Lisboa.

Em 2012, aquando da sua 4ª edição, foi possível alargar o eixo inicialmente definido para este festival. Nesse ano, o TODOS – Caminhada de Culturas foi também realizado na Rua de São Bento, Rua dos Poiais de São Bento e Rua Cruz dos Poiais (no eixo do Poço dos Negros). Abriu-se assim o festival a outros lugares da cidade, cumprindo a seu “principal” desígnio de chamar a atenção para a diversidade cultural dentro da cidade de Lisboa.

Quando perguntei à Dr.ª Manuela Victorino⁶⁴ como foi a receptividade dos lisboetas ao evento, a resposta foi:

A receptividade foi excelente, apesar de haver até ao último momento o receio de que o público lisboeta não aderisse por se tratar de um festival a acontecer numa zona da cidade estigmatizada, e com a qual muitas pessoas tinham uma relação de distância e de medo. Como se trata de um

⁶³ Esta informação foi recolhida após uma troca de *e-mails* entre a autora da tese e o Miguel Abreu.

⁶⁴ Faz parte da equipa de produção do festival. A informação recolhida foi numa troca de *e-mails* sobre o festival.

festival de entrada livre, não era possível prever até ao momento concreto do espetáculo, se as pessoas viriam ou não. Mas vieram e tivemos um fluxo de público de 4.000 pessoas aproximadamente em cada um dos dias do festival.

Segundo esta responsável, os chineses são o povo mais fechado, ao contrário dos brasileiros, indianos, africanos e ucranianos que alinham e se envolvem nas atividades. De uma forma em geral, todos os intervenientes (residentes, comerciantes, organizações do bairro como a ARM e outros) colaboraram e empenharam-se nesta iniciativa e tudo correu de uma forma harmoniosa e estimulante.

A média de espetadores por edição do festival tem rondado os 13.000 no 1º e 18.000 no 2º e 3º ano. No 4º registou-se uma diminuição, com o número de visitantes a descer para os 11.000. Estas contagens resultam de aproximações calculadas, visto não haver um controlo de apuramentos, difícil se considerarmos que se trata de eventos abertos (em praças, na rua) ao público e não em recintos fechados.

Esta diminuição da adesão por parte do público ficou a dever-se principalmente ao cancelamento do Circo Mandingue previsto para o Largo do Intendente, onde se esperava uma média de 4.000 espectadores. Acresce que muitos dos espetáculos deste ano foram em recintos muito pequenos (lojas), o que fez diminuir a lotação por sessão. A não apresentação de nenhuma espécie de fanfarra musical, ao invés dos anos anteriores, terá igualmente contribuído para este decréscimo da participação do público. De referir, em sentido oposto, que o evento gastronómico (ver Figuras 27 e 28) foi um dos que esgotou em todas as edições do festival: aqui existem tertúlias gastronómicas, interage-se na confeção dos pratos e termina-se com a respetiva degustação.

Num evento de gastronomia chinesa em 2012 quis meter conversa com o cozinheiro, o senhor Hisako⁶⁵ para tentar saber algumas coisas da gastronomia do seu país. Porém como ele mal falava português tive que falar com o filho que já tinha nascido em Portugal. Perguntei-lhe como é participar nestes eventos. Muito delicadamente ele respondeu que:

- É muito fortalecedor para ambas as culturas. Ao mesmo tempo que explico a culinária do país dos seus pais, divulgo o negócio da minha família, um pequeno restaurante na Mouraria.

Depois perguntei a alguns participantes o que achavam deste festival, as respostas foram unânimes de um modo otimista, eis algumas:

- Porque gosto de conhecer outras culturas, e já que não tenho dinheiro para viajar conheço através destes eventos.

⁶⁵ Hisako – Eu pedi ao filho para escrever no meu bloco o nome do pai

- Tenho assistido sempre a todos os festivais, desde o seu início, e tenho achado maravilhoso. Dá-nos outra perspetiva das várias culturas. Tenho presenciado a vários eventos e a Orquestra TODOS, a gastronomia e o circo, foram no meu entender o melhor do ano passado (referindo-se a 2011).

- Podemos interagir com as personagens e conversar e partilhar, é o máximo.

- Através destas atividades, pode ser que o estigma que existe sobre certas culturas tende a desaparecer.

A programação da 5ª edição, que irá decorrer nos dias 12,13,14 e 15 de setembro de 2013, já está a ser preparada. Tenho conhecimento que se irá abordar a questão das religiões do mundo e, tal como o ano passado, o evento ir-se-á realizar nos dois eixos anteriormente referenciados. Este ano, os eventos decorrerão no Poço dos Negros e na Rua de São Bento.

Com esta abertura a outra zona de Lisboa, Miguel Abreu têm a expectativa da recuperação socioeconómica da zona do Poço dos Negros, este é pelo menos o objetivo deste alargamento, visto o sucesso das edições anteriores na zona do Intendente – Martim Moniz – Mouraria, que alimentou a revitalização do bairro ao mesmo tempo que cumpria os objetivos desta iniciativa.

Refletindo sobre esta questão, e não querendo de modo algum ser negativa, sou de opinião que irá demorar algum tempo até que o “fenómeno” (a requalificação e todo o foco mediático) que está a acontecer no bairro da Mouraria passe para outros bairros da cidade.

Deste festival, nasceu em 2011 a *Orquestra Todos*, um projeto musical e multicultural “construído no âmbito de um discurso institucional mais alargado que reconhece a integração da “diversidade cultural” como fundamento para o desenvolvimento das cidades contemporâneas, tomando a arte como um instrumento privilegiado para comunicar e intervir, e assim ultrapassar os desentendimentos e as descontinuidades culturais da realidade social.” (Pereira, 2012:5). Tomando a arte como um instrumento privilegiado para comunicar e intervir, visa-se ultrapassar os desentendimentos e as descontinuidades culturais da realidade social.

Incentivado por Giacomo Scalisi,⁶⁶ Pino Pecorelli⁶⁷ comanda a Orquestra Todos (ver Figura 29). A orquestra integra um conjunto de músicos profissionais e amadores de nacionalidades diversas (Roménia, Alemanha, Cabo-Verde, Moçambique, Brasil, Argentina) e é um projeto musical à imagem de um semelhante existente na cidade de Roma (Itália). Esta

⁶⁶ Co-organizador do Festival TODOS – Caminhada de Culturas.

⁶⁷ Maestro da Orchestra di Piazza Vittorio.

orquestra apresentou em 2012 na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, o seu álbum de estreia «Intendente» com 12 músicas, “originais e reinterpretações de repertório popular e tradicional, cantadas em várias línguas e nas quais coabitam a cítara, o djembe, a kalimba, a guitarra e o baixo eléctrico, bem como a música brasileira, portuguesa, romena e indiana.”⁶⁸

⁶⁸ In <http://musica.sapo.pt/noticias/concertos/orquestra-todos-demonstra-como-a-lisboa-multietnica-tambem-cabe-num-disco>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do mosaico multiétnico e multicultural ser a principal representação do bairro da Mouraria atualmente, este não deixa de parte a sua génese e o seu lado mais “típico” e “popular”. Uma miscelânea de velhas e novas tradições, velhas e novas memórias, velhos e novos comportamentos, fazem do bairro da Mouraria um lugar único. É este conjunto de elementos que faz com que o bairro seja um dos mais representativos da história da cidade de Lisboa. Apesar de hoje se apresentar aos lisboetas com uma nova paisagem urbana, mais contemporânea e renovada, os símbolos do seu passado continuam a marcar presença nesta nova era.

Os poucos nativos que aqui vão resistindo ao tempo nas suas precárias habitações veem o seu bairro ser transformado e habitado, de época para época, por novas pessoas. Todavia há tradições e costumes que vão mantendo vivo o antigo espírito. O bairrismo é disso exemplo, estando presente todo o ano através de simples atos de sociabilidade, de partilha, de amizade e de entreato entre residentes. Estes ingredientes que marcam e distinguem tradicionalmente os pequenos espaços urbanos, estão presentes na Mouraria, conferindo-lhe o estatuto de bairro típico e popular.

A face bairrista da Mouraria, não obstante a sua permanência durante todo o ano, apresenta-se de forma mais calorosa e enérgica na altura das Festas dos Santos Populares. Esta é a época do ano em que o bairrismo está mais ativo e presente, quando se reaviva a rivalidade entre bairros e a competição sai à rua através das marchas populares. O seu desfile pela Avenida da Liberdade marca anualmente a vida da cidade de Lisboa e é o ponto máximo de visibilidade desta faceta tão característica do bairro da Mouraria.

Nesta efeméride anual está em jogo o orgulho, a reputação e o nome do bairro, exibidos através do amor e da dedicação dos residentes ao seu lugar de afeição, em horas extraordinárias na preparação e decoração dos espaços onde a festa decorrerá e na participação e colaboração na sua marcha popular. A recompensa desta competição entre bairros é para muitos, não o pódio mas sim o convívio e a participação entre todos os que de uma forma ou de outra ajudaram a que fosse possível a realização desta festa.

O fato do bairro da Mouraria albergar uma enorme diversidade de etnias, faz dele uma referência da cidade de Lisboa enquanto cidade multicultural. A instalação habitacional e comercial destes imigrantes é bem visível em várias ruas do bairro, fator que originou uma enorme heterogeneidade social e comercial. Este bairro representa presentemente um lugar único onde pessoas, línguas, cheiros e diversas culturas residem e se cruzam diariamente.

De um modo geral, os imigrantes que residem no bairro incorporam-se na comunidade que lhes é mais próxima, o que lhes facilita a integração no bairro. Ao procurarem no país que os acolhe indivíduos que se assemelham e partilham os mesmos valores (vidas análogas), estes imigrantes procuram igualmente uma forma de se sentirem perto do seu país e da sua cultura.

A multiculturalidade já faz parte da paisagem urbana da cidade e do bairro há alguns anos, contudo só nos últimos anos é que tem vindo a ser alvo de adoção por parte de uma estratégia de *marketing*.

A estratégia política atual das sociedades ocidentais é de valorizar a diversidade cultural. Não querendo ficar de fora desta “ideologia pós-moderna” onde as minorias devem ser reconhecidas e protegidas, Portugal parece estar a aceitar esta política multiculturalista, visando uma estratégia de tolerância e abertura perante a heterogeneidade étnica e cultural. Daí a adoção de uma estratégia oficial de *marketing* que visa transmitir uma imagem de Lisboa como cidade cosmopolita e aberta a todos e ao mundo.

Se esta abertura é um dos aspetos positivos associados a esta estratégia, há também um lado menos positivo associado às barreiras socioculturais por ultrapassar. O desconhecimento da língua e da cultura entre as diversas etnias que povoam o bairro, é a maior dificuldade que os nativos encontram na compreensão dos novos residentes, prevalecendo ainda o medo perante esta ausência de conhecimento.

No sentido de colmatar este vazio de conhecimento, têm vindo a surgir várias iniciativas que visam dar a conhecer o “Outro”. O Festival TODOS – Caminhada de Culturas, que decorreu durante os primeiros anos unicamente no bairro da Mouraria, é um desses exemplos, onde o principal mote é interagir e conhecer outras culturas, ao mesmo tempo que desmitifica a ideia pré-concebida do “Outro” como o inferior, o desconhecido ou o diferente. Este festival tem vindo a ter grande sucesso perante a população lisboeta, que começa a ter algum interesse por conhecer outras culturas, com maior abertura e mesmo algum tipo de afinidade.

Ambas as imagens, a *bairrista* e a *multicultural*, são bem visíveis e encontram-se bem presentes. Apesar da primeira ser mais preponderante num determinado período do ano, tal não faz dela menos relevante ou significativa do que a segunda. Por sua vez, a imagem multicultural é perceptível de imediato ao nosso olhar quando caminhando pelo bairro, mas não podemos afirmar que retira o domínio à bairrista.

Não nos podemos esquecer que o espaço urbano é produzido socialmente sendo o *locus* das relações e atividades sociais. As pessoas constroem-no de acordo com a sociedade onde vivem, e está em constante mutação. Por isso, o espaço urbano não é estático, mas sim

dinâmico, evoluindo e transformando-se consoante as épocas e até mesmo de dia para dia. O espaço urbano ao sofrer alterações, progredindo ou mesmo sendo revitalizado, não apaga, de um modo geral, as imagens antigas (no caso da Mouraria, a imagem de arrabalde mourisco) que fazem parte integrante do seu passado.

O ritmo da mudança é muito diferente e muito mais rápido hoje do que antigamente. Apesar das novas formas de regeneração urbana dos bairros populares (*gentrificação*), o bairrismo pode vir a ter um declínio visto que o regresso ao bairro geralmente não é feito pelos filhos do bairro, mas por outros indivíduos com mais recursos financeiros, que se pretendem instalar dentro do núcleo da cidade. Esta é uma consequência do interesse imobiliário que tem apostado na revitalização dos centros históricos (garantindo a sua preservação e revertendo o cenário de abandono e penúria dos mesmos), trazendo consigo a substituição dos velhos residentes por jovens que com outro padrão de sociabilidade. Estes novos residentes já não sentem o apego ao bairro porque não nasceram no bairro, nem têm qualquer tipo de laço afetivo com os já residentes. Sendo assim, a imagem bairrista neste contexto pode vir a perder terreno.

Como vimos, é consensual a ideia que a cidade se move, se renova e se reinventa, e com ela os seus bairros moldam-se às novas mudanças estruturais, características da era em que vivemos e uma das consequências da reabilitação dos núcleos históricos.

A atratividade pelos bairros históricos depende das melhorias na sua qualidade urbana e dos seus residentes. Um projeto urbanístico audaz privilegiou o bairro da Mouraria que presentemente se apresenta com uma “cara lavada”. É de extrema importância esta revitalização urbana, socioeconómica e até de coesão social, para um espaço urbano como este bairro que carrega consigo uma cicatriz de estigma e marginalidade difícil de sarar, não obstante as diversas intervenções urbanísticas por que já passou.

A revitalização urbana e social em curso tem como enfoque principal a requalificação e valorização do Património Cultural, Material e Imaterial. Fazem parte desta intenção a preservação de alguns símbolos do bairro que reforçam a identidade deste lugar histórico e cruzam as imagens bairrista e multicultural: restauro da cerca Fernandina, reconstrução da casa da Severa, construção de um corredor intercultural e dinamização de um festival intitulado Há Mundos na Mouraria e até mesmo o edifício da Viúva Lamego.

A requalificação dos centros históricos é uma estratégia que visa recuperar e manter a identidade cultural, dinamizar e dar vida aos bairros e captar a atenção turística. A Mouraria faz agora parte dos percursos turísticos e para isso muito contribuiu a projeção através dos

media, com as suas imagens atrativas, reportagens positivas e apelativas deste lugar, tanto pelo seu lado histórico, como pelo seu lado multicultural.

Depois deste trabalho no terreno, chego à conclusão que estas duas imagens do bairro apresentam identidades simultâneas: partilham protagonismos consoante a época do ano (Festas da Cidade vs restante período do ano) e visibilidades espaciais delimitadas territorialmente (bairrismo associado à “parte de cima” do bairro e multiculturalidade à “parte de baixo”). Em suma, não me parece que a imagem multicultural substitua a bairrista embora reconheça a força do “discurso institucional”, para o qual é importante que a cidade de Lisboa seja vista como uma cidade na vanguarda da abertura e tolerância multiculturais.

BIBLIOGRAFIA

- Agier, Michel (2011), *Antropologia da Cidade, lugares, situações, movimentos*, São Paulo, Editora Terceiro Nome.
- Alves Lindgren, (2010), *Viagens no Multiculturalismo: o Comité para a Eliminação da Discriminação Racial, das Nações Unidas, e seu funcionamento*, Brasília, Funag.
- Andrade, Ferreira (1957), *Lisboa das Sete Colinas*, Lisboa s.n.
- Appadurai, Arjun [1996] (2004), Trad. Telma Costa, *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa, Editorial Teorema.
- Araújo, Renata de (1990), *Lisboa. A Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimento*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Barreira, Irllys Alencar F. (2007), “Usos da Cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro”, *Análise Social*, Vol. 182, pp.163-180.
- Bastos, Cristiana (2001), “Omolu em Lisboa: Etnografias para uma teoria da Globalização”, *Etnográfica*, Vol. V (2), pp. 303-324.
- Bezerra, Josué Alencar (2011), “Como definir o bairro? Uma breve revisão”, *Geotemas*, Vol. 1, 1, pp:21-31
- Brito, Nogueira (1933), *Bairros antigos de Lisboa*, Lisboa, Guia de Portugal Artístico, Vol. 1º.
- Cachado, Rita D’Avila (2009), “Trajectos interurbanos na diáspora: o elo esquecido da mobilidade social”, *CIES e-Working Paper, (Online)*, nº 83, CIES, ISCTE-IUL.
Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP83Cachado.pdf>
- Castelo Branco, Fernando (1990), *Lisboa Seiscentista*, Lisboa, Livros Horizonte.
Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2900>
- Cavalcanti, Lana de Souza (2011), “Aprender sobre a cidade: A geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares”, *Revista Geográfica de América Central*, (Online), número especial EGAL, pp.1-18.
- Coelho, Maria Helena da Cruz (2008), “A Construção Histórica da Multiculturalidade”, em Mário Lages e Artur Teodoro de Matos (orgs.), *Portugal: Percursos de Interculturalidade, Raízes e Estruturas*, Vol. I., Lisboa, ACIDI, pp: 69-129.
- Comissão Consultiva das Festas de Lisboa (1991), *Festas de Lisboa: Comissão Consultiva das Festas de Lisboa de 1990*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Cordeiro, Graça Índias (2010) “As Cidades Fazem-se por Dentro: desafios de etnografia urbana”, *Cidades – Comunidades e Território*, 20/21, pp.111-121.
- Cordeiro, Graça Índias e Frédéric Vidal, (eds), (2008), *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Cordeiro, Graça Índias (2003), “Uma certa ideia de cidade popular bairrista pitoresca” *Sociologia*, pp. 185-199
- Cordeiro, Graça Índias (2001),”Territórios e identidade sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa”, *Estudos Históricos*, (Online), nº 28, pp. 125-142
Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2148/1287>
- Cordeiro, Graça Índias (1997), *Um lugar na Cidade, Quotidiano, Memória e Representações no Bairro da Bica*, Lisboa, Dom Quixote.

- Cordeiro, Graça Índias e António Firmino da Costa, 1999, “Bairros: contexto e intersecção”, in Velho, Gilberto (org.), *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Zahar Editor: 58-79
- Costa, António Firmino da (2002), “Identidades Culturais Urbanas em Épocas de Globalização”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 17, nº 48, pp. 15-31
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro, Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- Costa, António Firmino da (1985), “Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros”, *Análise Social*, Vol. XXI (87-88-89), 3º-4º-5º, pp. 735-756.
- Costa, Francisco Lima (2011), “Globalização, diversidade e ‘novas’ classes criativas: a emergência de um sistema de produção etnocultural em Lisboa”, *Sociologia Problemas e Práticas*, 67, pp.85-106.
- Fernandes, Luís 2002 (1998), *O Sítio das Drogas*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Ferro, Giacomo (2012), *Re-inventar um bairro: Análise de uma reforma sócio-urbanística no bairro da Mouraria*, Dissertação de Mestrado em Antropologia Aplicada, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa.
- Fonseca, Maria Lucinda (2008), “Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais”, em Mário Lages e Artur Teodoro de Matos (orgs.), *Portugal: Percursos de Interculturalidade, Contextos e Dinâmicas*, Vol II, Lisboa, ACIDI, pp 50 – 96.
- Gato, Maria Assunção, Ramalheite Filipa, Soares Nuno Pires (2011), “A multipli(cidade) do bairro”, comunicação apresentada na Second International Conference of Young Urban Researchers, ISCTE, 11 a 14 de Outubro de 2011, Lisboa
- Goffman, Erving, [1922] (1982) *Estigma. Notas sobre a Identidade Deteriorada*, Trad. Nunes, Márcia Bandeira de Mello Leite, Rio de Janeiro, Zahar Editores, Ed. Guanabara, 1988
- Gomes, Bruno Miguel Santos (2011), *A Rua e o Bairro na Construção da Imagem de Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Antropologia, Lisboa, ISCTE.
- Gomes, Renato Cordeiro (2004), “A Cidade como Arena da Multiculturalidade” *Revista electrónica e-compôs*, (Online) Edição 1.
Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/6/7>
- Gonçalves, Alda e Teresa Costa Pinto (2001) “Os Bairros Sociais Vistos por si Mesmos: Actores, Imagens Públicas e Identidades”, *Cidades – Comunidades e Territórios*, 3, pp.111-131.
- Gonçalves, António Custódio (1998), “Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais”, *Revista da Faculdade Letras – Geografia*, (Online), I Série, Vol. IV, Porto, pp:15-32.
Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1547.pdf>
- Guerra, Isabel (2008), “A Cidade Multicultural e Multiétnica. Gestão da diversidade e procura da democracia”, em Mário Lages e Artur Teodoro de Matos (orgs.), *Portugal: Percursos de Interculturalidade, Contextos e Dinâmicas*, Vol II, Lisboa, ACIDI, pp:97-118.
- Issa, Victor Eiji (2011), “Cidade: Lugar do(s) Eu(s) Reflectindo Sobre a Noção de Identidade no Contexto Urbano”, *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, (Online), Ano 4 – Edição 4, Junho – Agosto.
Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35551/38270>

- Lévi-Strauss, Claude, 2003, *Raça e História*, Lisboa, Vega Paisagem
- Magnani, José Guilherme Cantor (2002), De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (Online), Vol. 17 (49).
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>
- Magnani, José Guilherme Cantor (1996), “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”, *Textos de Antropologia Urbana*, São Paulo, EDUSP.
- Magnani, José Guilherme Cantor e Lilian de Lucca Torres (1996), (orgs.), “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”, *Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana*, (Online), São Paulo, EDUSP.
Disponível em: http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2012/03/campo_cidade.pdf
- Mapril, José (2010), “Banglapara: imigração, negócios e (in) formalidades em Lisboa”, *Etnográfica*, 14 (2), pp.243-263.
- Martins, Sara Daniela Teixeira (2011), *A memória de um lugar: discurso e práticas identitárias na freguesia do Castelo em Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Antropologia, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Martins, Teresa Tomás Simão (2009), *Reabilitação Sustentável: um estudo na Mouraria Análise de quatro tipologias construtivas*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Lisboa, IST.
- Mendes, Luís (2011), “Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado”, *Cadernos Metrópole*, Vol. 3, 26, pp:473-495.
- Mendes, Maria Manuela, 2012, “Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto*, Numero temático: Imigração Diversidade e Convivência Cultural, (Online), pp:15-41.
Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10007.pdf>
- Mendes, Vera (1996), *Socorro, Freguesia Mourisca – Berço do Fado*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Menezes Marluci, 2012, “Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Numero temático: Imigração. Diversidade e Convivência Cultural (Online) pp:69-95. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10009.pdf>
- Menezes, Marluci (2011), “Todos na Mouraria? Diversidade, desigualdade e diferenças entre os que vêm ver o bairro, nele vivem e nele querem viver” comunicação apresentada no XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais – CONLAB, *Diversidades e (Dês) Igualdades*, Universidade Federal da Bahia, UFBA, 7 a 10 de Agosto, Salvador.
- Menezes, Marluci (2009), “A Praça do Martim Moniz: Etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa”, *Horizontes Antropológicos*, ano 15, 32, pp:301-328.
- Menezes, Marluci (2005), “Da idealização do Património à construção de um projecto social de salvaguarda e reabilitação” *Cultura Light*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências Técnicas do Património, Porto (Online) Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7596.pdf>
- Menezes, Marluci (2005), “Património Urbano: por onde passa a salvaguarda e reabilitação? Uma Breve visita à Mouraria” *Cidades-Comunidades e Territórios*, 11, pp:65-82.

- Menezes, Marlucci (2004), *Mouraria, retalhos de um imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*. Oeiras, Celta Editora.
- Menezes, Marlucci, (2002), *Repensando a ideia de recriação de valores urbanos tradicionais” a partir das dinâmicas de uso e apropriação do espaço público urbano*, COM 95, Lisboa, LNEC.
- Menezes, Marlucci (2001), *Mouraria: Entre o Mito da Severa e o Martim Moniz – Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa*. Dissertação de Doutor em Antropologia Cultural e Social, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.
- Menezes, Marlucci s.a. O “re” em questão: as “com”tradições socioculturais da reabilitação urbana, Lisboa, Núcleo de Ecologia Social, Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Pereira, Raquel Maria Mendes (2012), *Musica e Narrativas da Multiculturalidade numa Orquestra de “Todos*, Dissertação de Mestrado em Antropologia na especialidade Globalizações, Migrações e Multiculturalismo, Lisboa, ISCTE.
- Pereiro, Xerardo (2006), “Património cultural: o casamento entre património cultural e cultura”, *Revista Museu do Povo Galego*, 2 pp. 22-41.
- Pinto, Mércia de Vasconcelos (2004), “Identidade Cultural”, comunicação apresentada numa Palestra durante o Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitectura (ENEA), Restaurante Estação 109, Comércio da 109, 15 de Julho de 2004, Brasília.
- Pinto, Teresa Costa (2009), “Do Território aos sujeitos, A construção social da nação de qualidade de vida”, *Cidades – Comunidades e Território*, 19, pp. 81-109.
- Pinto, Teresa Costa e Alda Gonçalves (2000), “Os Bairros Sociais Vistos por si Mesmo, Imagens, conflitualidades e insegurança”, *Cidades – Comunidades e Território*, 1, pp.101-111.
- Rocha, Ana Luiza Carvalho da e Cornelia Eckert, s.a. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana, s.l, s.n.
- Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160/5258>
- Rodrigues, Donizete (s.a.) Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica, Covilhã, Editora, Universidade da Beira Interior, (Online).
- Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>
- Rodrigues, Marta Sofia Valadas (2012), *A “Mouraria alargada”, em favor de Babel*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Minho, Universidade do Minho Escola da Arquitectura.
- Rodrigues, Teresa (1995), *Nascer e Morrer na Lisboa Oitocentista – Migrações, Mortalidade e Desenvolvimento*, Lisboa, Edições Cosmos.
- Rodrigues, Walter (1999), Globalização e Gentrificação: teoria e empiria, *Sociologia Problemas e Práticas*, 29, pp.95-125.
- Roteiro Turístico de Lisboa (1994), *Do Castelo por Alfama à Mouraria*, Lisboa, Edição da Câmara Municipal de Lisboa.
- Taylor, Charles (1994), *Multiculturalismo*, Lisboa, Instituto Piaget.

- Teixeira, Joaquim de Sousa (2010), “Festa e identidade”, *Comunicação & Cultura*, 10, pp. 17-33.
- Trindade, Maria Beatriz Rocha (2010), “Associativismo em contexto migratório, Migrações”, *Revista Migrações*, 6, pp. 39-58.
- Velho, Gilberto (2009), “Antropologia Urbana. Encontros de tradições e novas perspectivas”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 59, pp. 11-18.
- Velho, Gilberto et al (1999) (orgs.), *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Velho, Gilberto (1989), *A Utopia Urbana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Vilaça, Eduardo e Isabel Guerra (1994), “Os actores sociais e a degradação do parque habitacional em Lisboa”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, 15, pp.79-98.
- Xerez, Romana (2008), “Dinâmicas do Território: Centralidades e Gentrificação na Área Metropolitana de Lisboa” comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia – *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, Universidade Nova de Lisboa, 25 a 28 de Junho de 2008, Lisboa.
- Zanforli, Sofia (2011), *Etnicidade, Migrações e Comunicação: etnopaisagens transculturais e negociação de pertencimentos*, Dissertação de Doutoramento em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

REVISTAS CONSULTADAS:

- Revista Time Out – 18 a 24 de Julho de 2012
 Revista do Expresso – 25 de Maio de 2013

SITES:

- <http://www.acidi.gov.pt> - acedido dia 29 de Outubro de 2012
- <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/> - acedido dia 2 de Novembro de 2012
- <http://www.alfamicro.pt/myneighbourhood-project-presented-in-mouraria/> - acedido dia 2 de Novembro de 2012
- <http://cidadania1x.blogspot.com> - acedido dia 4 de Novembro de 2012
- <http://www.cm-lisboa.pt> - acedido dia 3 de Dezembro de 2012
- <http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Reabilitacao/estrat.pdf> - acedido dia 6 de Janeiro de 2013
- http://www.fmsoares.pt/diario_de_lisboa/dia?ano=1932&mes=06 - acedido dia 8 de Janeiro de 2013
- <http://www.dn.pt/> - acedido dia 10 de Janeiro de 2013
- <http://www.dgotdu.pt/pc/documentos/POLISXXI-apresentacao.pdf> - acedido dias 7 e 10 de Janeiro de 2013
- <http://www.egeac.pt/index.php> - acedido dias 4, 6 e 8 de Fevereiro de 2013
- <http://www.egeac.pt/application/uploads/files/Condi%C3%A7%C3%B5es%20do%20Concurso%20Grande%20Marcha%20de%20Lisboa%202013.pdf> - acedido dias 2 de Novembro de 2012 e dias 19, 24 de Março de 2013
- <http://www.funag.gov.br/> - acedido dia 9 de Abril de 2013

<http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/viewFile/118/109> - acedido dia 9 de Abril de 2013

http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp21/Artigo_Neil.pdf - acedido dia 10 de Maio de 2013

<http://www.renovaramouraria.pt> – acedido dia 15 de Maio de 2013

<http://unesdoc.unesco.org> - acedido dia 15 de Maio de 2013

<http://www.qren.pt/np4/home> - acedido dia 20 de Maio de 2013

<http://www.viverlisboa.org> - acedido dia 20 de Maio de 2013

<http://expresso.sapo.pt/> - acedido dia 25 de Maio de 2013

<http://www.cmjornal.xl.pt/> - acedido dia 27 de Junho de 2013

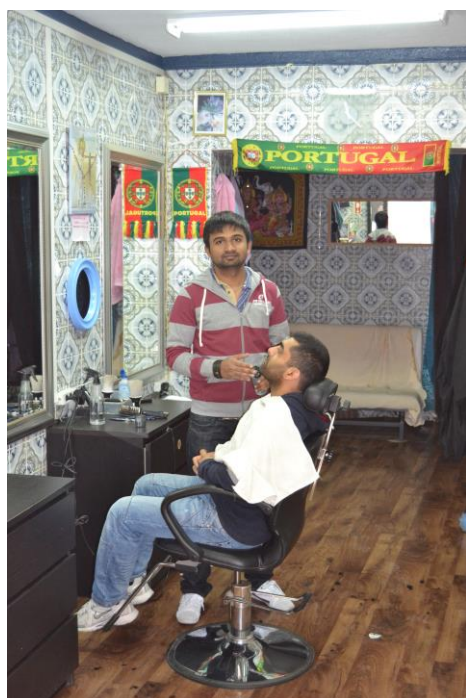
<http://fugas.publico.pt/> - acedido dia 29 de Junho de 2013

<http://visao.sapo.pt/> - acedido dia 27 de Julho de 2013

BLOGSPOT:

<http://dialogosantropologicos.blogspot.pt/2012/05/etnopaisagens-globais-notas-e-perguntas.html> - acedido dia 28 de Julho de 2013

Figura 3 - Mistura de símbolos multiculturais



Fonte: Fotografia tirada pela autora da tese

Figura 4 - Capa da revista “Time Out”



Fonte: Digitação da capa da revista, “Time Out Lisboa” de 18 a 24 de Julho de 2012 (propriedade da autora da tese)

Figura 5 - Monumento evocativo à Mouraria como “Berço do Fado”



Fonte: Fotografia tirada pela autora da tese

Figura 6 - Figura alusiva à antiga cerca e aos soldados que ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos Mouros



Fonte: Fotografia tirada pela autora da tese

Figura 7 - Azulejo com diversas caligrafias dentro da estação do Martim Moniz

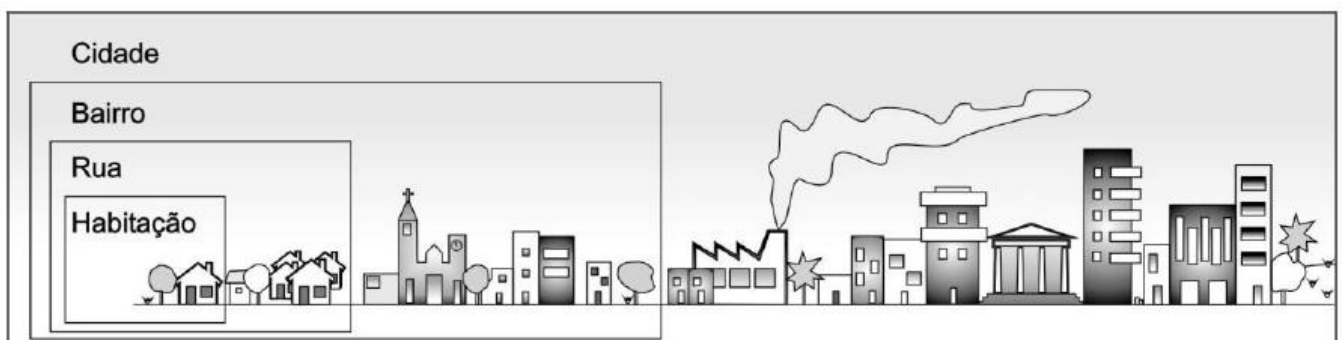


Figura 8 – Símbolo do ano chinês de 2013, a serpente



Fonte: Ambas as fotografias foram tiradas pela autora da tese

Figura nº 9 - Diferentes escalas urbanas de uma cidade⁶⁹



Fonte: Adaptação de Josué Alencar Bezerra, 2000

⁶⁹ Título retirado do texto de Bezerra, Josué Alencar, 2007, *Como definir o bairro? Uma breve revisão*, GEOTemas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v. 1, n. 1, p. 21-31, jan./jun., 2011.

Figura 10 - Arruamentos da Junta de Freguesia de Santa Justa

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA JUSTA

ÁREA DA FREGUESIA

PRAÇAS

P. Martim Moniz
P. da Figueira de 1 a 13
P. D. João da Câmara de 1 a 41 e 2 a 46
P. D. Pedro IV de 15 a 122
P. dos Restauradores de 6 a 8 e 1 a 25

LARGOS

Largo de S. Domingos de 1 a 9 e 21 a 24
Largo do Regedor de 1 a 17 A
L. Duque do Cadaval de 1 a 45 e 20 a 46

RUAS

R. D. Duarte de 1 a 3B e 2 a 4
R. João das Regras de 1 a 5A e 2 a 6 B
R. Condes de Monsanto de 2 a 4D
R. Arco Marquês do Alegrete de 1 a 13
R. da Mouraria - **C. C. Mouraria**
R. Jardim do Regedor de 1 a 47 e 2 a 50
R. dos Condes de 1 a 57
R. 1º de Dezembro de 2 a 116 e 67 a 145
R. D. Antão de Almada de 1 a 7A e 2 a 4J
R. Portas Santo Antão de 1 a 127 e 2 a 74
R. Barros Queirós de 1 a 55 e 2 a 68
R. de S. Lázaro de 2 a 120
R. José António Serrano de nº.2
R. Arco da Graça de 2 a 68
R. Fernandes da Fonseca de 2 a 49
R. da Palma de 1 a 287 e 2 a 288
R. do Benfornoso de 1 a 189
R. do Desterro de 2 a 22
R. Nova do Desterro de 1 a 5A
R. da Betesga de 1 a 3
R. do Amparo de 1 a 2 ABC
R. Senhora da Saúde- **C C Mouraria**

TRAVESSAS

T. do Desterro de 1 a 5 e 2 a 6
T. da Palma
T. do Arco da Graça
T. do Benfornoso de 1 a 3
T. do Forno de 1 a 39 e 2 a 14
T. Nova de S. Domingos de 1 a 67 e 2 a 56
T. de Santo Antão de 2 a 46 e 1 a 25

CALÇADAS

C. do Desterro de 1 a 35 e 2 a 22
C. Garcia de 2 a 48
C. do Carmo de 2 a 18
C. do Duque até ao 20
C. da Glória de 1 a 37

ESCADINHAS

Escadinhas da Barroca nºs. Impares

PÁTIOS

Pátio da Bica de 11 A B e C
Pátio do Salema de 1 a 21

BECOS

Beco da Barbadeira de 8 a 105
Beco de S. Luís da Pena nº 17

Poço do Borratem de 1 a 18

Poço do Borratém, 25 - 2º. Andar - 1100-408 Lisboa
Tel. 21 887 50 03 / Fax. 21 886 72 18 / E-MAIL: j.f.santa.justa@mail.telepac.pt


Fonte: Documento fornecido pela Junta de Freguesia de Santa Justa

Figura 11 - Área geográfica da Junta de Freguesia de Santa Justa



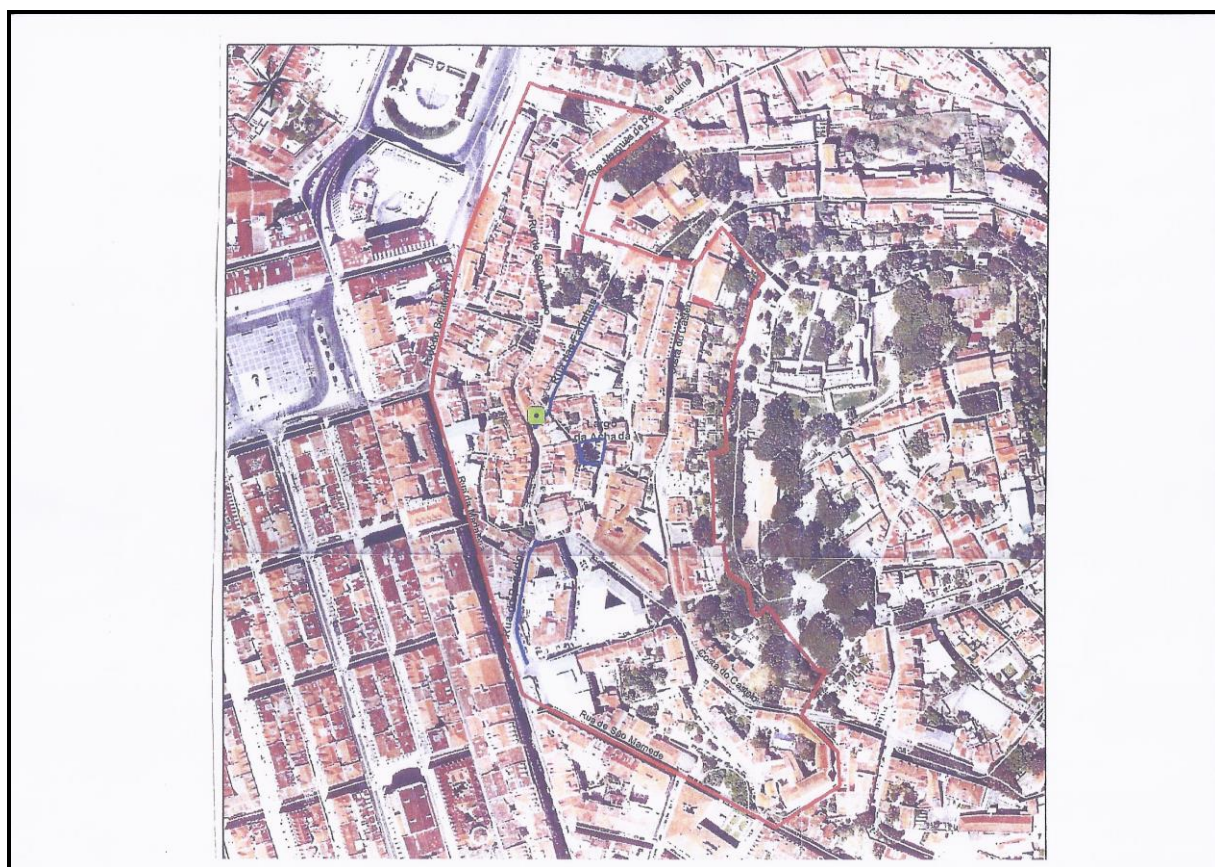
Fonte: Documento fornecido pela Junta de Freguesia de Santa Justa

Figura 12 - Arruamentos da Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço

 Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço			
BECOS	Beco	do Cascalho	(toda)
	"	dos Surradores	"
	"	das Farinhas	"
	"	do Castelo	"
	"	das Flores	"
	"	das Gralhas	"
	"	do Jasmim	"
CALÇADAS	Calçada	Conde de Penafiel	(toda)
	"	de S.Lourenço	"
	"	da Rosa	"
ESCADINHAS	"	Marquês de Tancos	"
	Escadinhas	de S. Crispim,	lado dos numeros impares
	"	da Costa do Castelo	lado dos numeros impares
	"	da Saude	lado dos numeros impares
	"	da Rua das Farinhas	(toda)
LARGOS	"	da Achada	"
	"	de S.Cristóvão	"
	Largo	do Caldas	números 1 a 7
	"	da Rosa	números 6,7,8 e 9
	"	dos Trigueiros	(todo)
	"	das Gralhas	"
POÇOS	"	da Achada	"
	"	São Cristóvão	"
PATEOS	"	Chão do Loureiro	"
	Poço	do Borratém	dos números 19 a 42
RUAS	Pateo	do Recolhimento	(todo)
	Rua	de S.Mamede	dos números 30 a 22
	"	Marquês Ponte de Lima	do 34 ao 40
	"	da Mouraria	números 2 a 6
	"	Arco Marquês do Alegrete	toda do lado dos nºs pares
	"	de S.Pedro Mártir	(toda)
	"	das Fontainhas	"
	"	de S.Lourenço	"
	"	das Farinhas	"
	"	da Achada	"
TRAVESSAS	"	de S.Cristóvão	"
	"	do Regedor	"
	"	Costa do Castelo	dos nºs 1 a 55 e 2 a 70
VILAS	"	Madalena	dos números 134 a 234
	Travessa	da Mata	(toda)
VILAS	"	das Fontainhas	"
	"	do Chão do Loureiro	"
	"	da Madalena	"
Vilas	Vila	do Castelo	(toda)

Fonte: Documento fornecido pela Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço

Figura 13 - Área geográfica da Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço



Fonte: Documento fornecido pela Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço

Figura 14 - Arruamentos da Junta de Freguesia do Socorro



JUNTA DE FREGUESIA DO SOCORRO

1.º BAIRRO ADMINISTRATIVO DE LISBOA

RUA DA MOURARIA — EDIFÍCIO DO AMPARO

TELEFONE 86 02 54

— LISBOA —

A Junta de Freguesia do Socorro: Faz saber que ao abrigo do Decreto 42142 de 7 de Fevereiro de 1959, pertencem à área desta Freguesia os seguintes arruamentos:

RUAS:	1 — AMENDOEIRA	pares e ímpares
	2 — BENFORMOSO	n.ºs 2 a 276
	3 — CAPELÃO	pares e ímpares
	4 — CAVALEIROS	» » »
	5 — GUIA	» » »
	6 — JOÃO DO OUTEIRO	» » »
	7 — LAGARES	ímpares
	8 — MARQUÊS PONTE DE LIMA	n.ºs 1 a 37 e 2 a 32
	9 — MOURARIA	n.ºs 8 a 116
	10 — OLARIAS	ímpares dos n.ºs 1 a 67
	11 — TERREIRINHO	pares e ímpares
	12 — COSTA DO CASTELO	n.ºs 57 a 91 e n.ºs 72 a 168
BECOS:	13 — ALEGRETE (Calçada Agostinho de Carvalho)	pares e ímpares
	14 — AMENDOEIRA	» » »
	15 — CAVALEIROS	» » »
	16 — FORNO AO SOCORRO	» » »
	17 — FRÓIS	» » »
	18 — GUIA	» » »
	19 — IMAGINÁRIO	» » »
	20 — JASMIM AO SOCORRO	» » »
	21 — OLARIAS	» » »
	22 — S. MARÇAL (Calçada Agostinho de Carvalho)	» » »
	23 — TRÊS ENGENHOS	» » »
CALÇADAS:	24 — AGOSTINHO DE CARVALHO	» » »
	25 — MOURARIA	» » »
	26 — SANTO ANDRÉ	n.ºs 1 a 121 e n.ºs 74 a 100
ESCADINHAS:	27 — CASTELO	n.º 6
	28 — MARQUÊS PONTE DE LIMA	pares e ímpares
	29 — OLARIAS	ímpares
	30 — SAÚDE	pares
LARGOS:	31 — MENINO DE DEUS	n.ºs 3 e 4
	32 — OLARIAS	pares e ímpares
	33 — RODRIGUES DE FREITAS	n.ºs 9 a 21
	34 — ROSA	n.ºs 1 a 5
	35 — TERREIRINHO	pares e ímpares
PÁTEOS:	36 — COLEGINHO (Rua Marquês Ponte de Lima)	» » »
QUINTAS:	37 — COLEGINHO (Rua Marquês Ponte de Lima)	» » »
TRAVESSAS:	38 — JORDÃO	» » »
	39 — LAGARES	» » »
	40 — TERREIRINHO	» » »
VILAS:	41 — JÚLIA (Calçada Agostinho de Carvalho)	
	42 — LUZ PEREIRA (Travessa do Jordão)	
	43 — ALMEIDA (Rua Marquês Ponte de Lima)	

Todos os Pobres e Indigentes residentes nesta área podem requerer a sua inscrição na sede da Junta às 3.ªs e 6.ªs feiras das 20 às 21 horas.

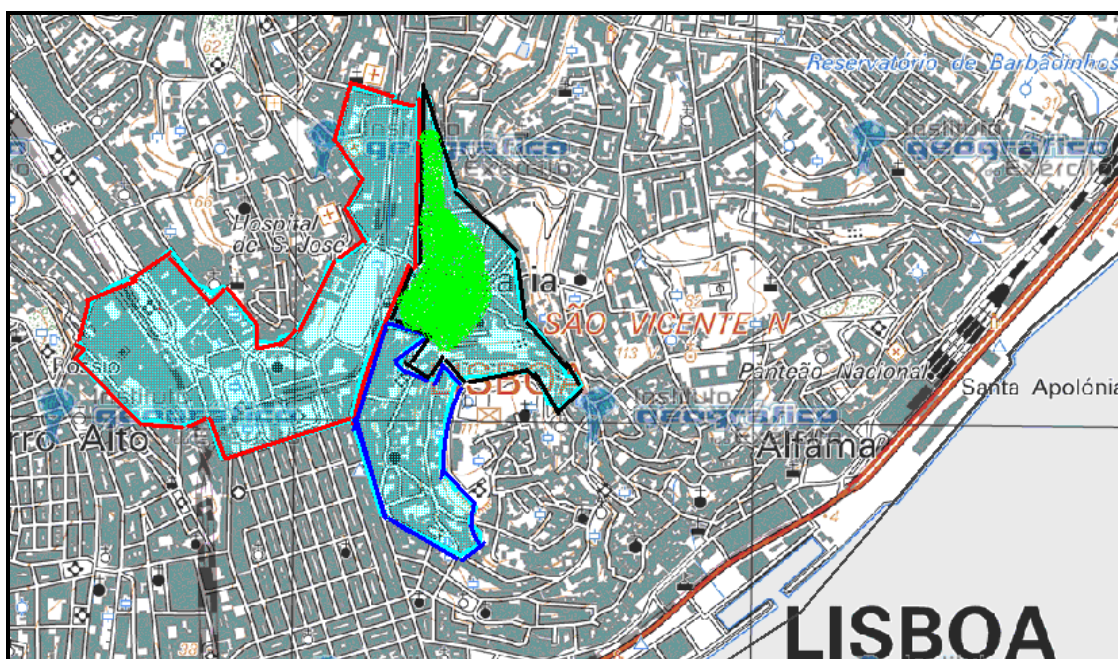
Fonte: Documento fornecido pela Junta de Freguesia do Socorro

Figura 15 - Área geográfica da Junta de Freguesia do Socorro



Fonte: Documento fornecido pela Junta de Freguesia do Socorro

Figura 16 - Mapa da cidade de Lisboa incluindo as três freguesias onde o bairro da Mouraria faz parte. A preto a freguesia do **Socorro**, a azul a freguesia de **São Cristóvão e São Lourenço** e a vermelho a freguesia de **Santa Justa**. A verde o que é considerado pelos residentes como sendo o núcleo do bairro do Socorro.



Fonte: Mapa retirado do Instituto Geográfico com adaptação da autora da tese

Figura 17 – Notícia “MyNeighborhood” 1ª parte

C Zoom // Vizinhança

PSR

Álvaro de Oliveira
CEO Alfamicro
Professor convidado da Universidade
de Aalto, em Helsínquia

“Quero recuperar a antiga noção de vizinhança e proximidade”



Como surgiu a ideia do MyNeighborhood? Temos de recuar ao contexto das Smart Cities – Cidades Inteligentes –, não à infra-estrutura tecnológica, que é importante, mas sim a envolver a população e centrar-nos na forma como a tecnologia pode dar mais bem-estar às pessoas, especialmente numa altura de recursos mais escassos, em que não existe possibilidade de financiar serviços de natureza social como os estados faziam até agora.

Como descreve o conceito do MyNeighborhood? Quando apresentei pela primeira vez o

conceito em Bruxelas – à Comissão Europeia –, expliquei que quero recuperar a antiga noção de vizinhança e proximidade que se vivia nos bairros das cidades. A tecnologia vai servir para aproximar as pessoas e vai incentivá-las a encontrarem-se fora das redes sociais, utilizando o espaço público. Responderam-me: “A sua ambição é criar algo do tipo do Facebook.” E eu disse “pois é, mas que responda mais às necessidades das pessoas”.

Qual é o objectivo final deste projecto? Ter grupos de pessoas a interagir – idosos, crianças, mas também o comércio local, que pode lucrar com estas iniciativas. No fim da implementação do projecto-piloto gostava que as pessoas passassem a lidar umas com as outras de forma mais aberta, com mais participação, através das plataformas tecnológicas. Na Mouraria já existe alguma organização neste sentido e vamos ajudá-la a implementar estas mudanças.



MyNeighborhood. A vizinhança de proximidade está de regresso à Mouraria

CATARINA FALCÃO
caterina.falcao@jonline.pt

Quatro cidades europeias querem provar que a tecnologia não é sinónimo de isolamento e para isso estão apostadas em criar uma nova rede social para aproximar bairros e tornar vizinhos em amigos. O projecto MyNeighborhood – co-financiado pela Comissão Europeia – vai investir 5 milhões de euros para aproximar as pessoas através das novas tecnologias, criando redes de suporte locais para combater os problemas das grandes cidades. Da solidão à poluição, passando pelo desenvolvimento sustentável, a aposta do programa é ajudar os cidadãos a construir a sua cidade em conjunto.

O MyNeighborhood – idealizado e coordenado pela empresa portuguesa Alfamicro – quer, através da utilização das novas tecnologias, reconstruir as relações de proximidade que existiam nas vizinhanças de antigamente, primeiro no mundo virtual, trazendo numa fase posterior os laços criados entre vizinhos para o mundo real: de algo tão simples como ir de férias e não ter a quem deixar o animal de estimação a ajudar um idoso que já não consegue ir às compras, este projecto vai criar plataformas online nas cidades – algo que se assemelha a um Facebook de bairro – que não só resolva através da internet a situação embaraçosa de já não se dizer “olá” ao vizinho do lado, mas também permita sinalizar idosos doentes ou pessoas desparecidas.

Projecto para criar Facebook local arrancou ontem, com mais três cidades europeias, e investimento de 5 milhões de euros

Figura 17 – Notícia “MyNeighborhood” 2ª parte



Projecto quer usar a tecnologia para reaproximar os vizinhos. A Mouraria, em Lisboa, é o bairro escolhido para instalar o projecto-piloto europeu
EDUARDO MARTINS

numa das zonas mais envelhecidas da cidade, a Mouraria, e ao mesmo tempo potenciar o empreendedorismo no bairro.

A partir do arranque do programa, que aconteceu ontem nos Paços do Concelho, em Lisboa, as autarquia e as associações locais envolvidas no projecto terão a assistência técnica de várias empresas de software que construirão uma plataforma à medida de cada um.

A coordenação e o desenvolvimento das soluções tecnológicas ficam a cargo da Alfámero, que juntamente com o Politécnico de Milão – universidade italiana com forte componente científico-tecnológica – e a SINTET – a maior organização de pesquisa industrial e de tecnologia da Escandinávia – e a Sociedade Portuguesa de Inovação vão fornecer as bases de apoio às cidades para se começar a edificar o MyNeighborhood. As aplicações criadas para este projecto ficarão em open source para poder ser utilizadas por outras cidades em todo o mundo, assim como a documentação de toda a experiência nas quatro cidades-piloto.

DESAFIOS A escolha da Mouraria, em Lisboa, não foi casual. Álvaro de Oliveira, CEO da Alfámero, encarou o bairro como um desafio: viu nas notícias os promotores do Orçamento Participativo – que a Mouraria já ganhou duas vezes – e determinou que tinha de entrar em contacto com eles. “É a comunidade certa, não queremos comunidades que já têm tudo. A Mouraria é um desafio”, sublinha Álvaro de Oliveira.

Questionado sobre como se envolve uma população tão diversa, com mais de 50 nacionalidades, com dificuldades financeiras e baixa instrução tecnológica num projecto como este, o CEO da Alfámero não hesita em partilhar uma história que conheceu nas suas visitas regulares ao Brasil, onde a empresa presta serviços de consultoria a projectos de desenvolvimento tecnológico. “Na Amazônia os altos níveis de mortalidade levaram a que uma associação criasse o conceito de bebé da comunidade, em que toda a comunidade acarinava o recém-nascido, partilhando os cuidados de saúde e o bem-estar da criança. Tudo através de dispositivos manuais. E assim reduziu um terço os níveis de mortalidade. Quis que viessem a Bruxelas partilhar esta história de sucesso e algumas empresas ofereceram-se para partilhar aplicações para smartphones de modo a otimizar o programa. O problema é que eles não os tinham. Contactei então a Nokia e a Samsung Brasil, que ofereceram à população os dispositivos necessários. Há sempre maneira de conseguir realizar projectos deste género”, conclui Álvaro de Oliveira.

Projecto tem orçamento de 5 milhões de euros e vai desenvolver-se durante três anos em quatro cidades

Cidades vão ter apoio tecnológico para desenvolver tecnologia que permita à população comunicar localmente

Casos

Quatro cidades diferentes reúnem-se em torno de um conceito. Cada uma com os seus problemas, procuram soluções conjuntas para utilizar da melhor forma as novas tecnologias

Aalborg

●●● Aalborg é a terceira maior cidade da Dinamarca e fica no Norte do país. Tem mais de 200 mil habitantes e conta com uma área metropolitana total de 1144 km². A primeira conferência sobre cidades europeias sustentáveis aconteceu em Aalborg em 1994 e adoptou a Carta de Aalborg, que alertou para a importância de as autoridades locais se envolverem na Agenda 21.

Aalborg tem vindo a procurar soluções para a cada vez maior população idosa na cidade através de projectos de inovação social. Esperam envolver cerca de 1000 habitantes numa primeira fase do MyNeighborhood, apostando em soluções de proximidade para manter os mais velhos activos e ao mesmo tempo monitorizar o seu bem-estar e a sua saúde. Quer também promover o contacto entre pessoas através de hortas urbanas.

Birmingham

●●● É o maior conselho da Europa e a segunda maior cidade do Reino Unido com mais de um milhão de habitantes. A área metropolitana de Birmingham atinge quase 4 milhões de habitantes. A cidade localiza-se no centro do Reino Unido e é por isso o entreposto de transportes mais importante do país. Na cidade há todos os anos 325 milhões de rotas de autocarros

e por isso um dos seus principais problemas é o trânsito. As autoridades de Birmingham esperam até ao final do programa MyNeighborhood ter até 20 mil utilizadores registados, especialmente crianças e adolescentes que se deslocam para a escola. Birmingham quer aproveitar este projecto para reorganizar os trajectos dos autocarros e ao mesmo tempo reduzir a elevada pegada ecológica da cidade.

Lisboa

●●● Na capital portuguesa vivem mais de 600 mil pessoas. A área metropolitana total da cidade tem 2 870 km², abrangendo quase 3 milhões de habitantes. A geografia da cidade faz com que tenha ambientes díspares e os problemas com a reabilitação urbana causaram nalguns bairros uma desertificação crescente e o envelhecimento da população. A aplica-

ção do MyNeighborhood em Lisboa vai desenvolver-se no bairro da Mouraria. Autoridades e associações de moradores vão procurar criar uma base de entendimento entre as várias culturas do bairro, promovendo o empreendedorismo e o crescimento de novos negócios numa das zonas mais pobres da cidade. Os habitantes vão também poder dar ideias para melhorar o bairro e votar nelas através da internet.

Milão

●●● A capital da região da Lombardia tem uma população de cerca de 1,3 milhões de habitantes. É a segunda maior cidade de Itália e tem a terceira maior área metropolitana da Europa, com cerca de 4,3 milhões de habitantes. No Quarto Oggiaro, bairro escolhido para a intervenção do MyNeighborhood, fixaram-se durante as décadas de 50 e 60 muitos emigrantes de diver-

sas origens. Com este projecto, Milão pretende criar um espírito de entrelaçada entre os vizinhos, criando um banco de horas. Quer também criar uma ferramenta que permita a empregadores locais encontrar trabalhadores naquelas zona e ao mesmo tempo que as pessoas com interesses semelhante se conheçam e se encontrem em espaços públicos do bairro, criando tertúlias entre vizinhos em cafés ou jardins das proximidades.

Figura 18 - Diário de Lisboa de Domingo (12 de Junho de 1932)

ANO 12.º LISBOA - DOMINGO, 12 DE JUNHO DE 1932 N.º 34

Diário de Lisboa de Domingo

Número avulso: 30 CENTAVOS Administrador e editor: MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rosa, 57, 2.º Endereço Telegráfico: DIBDA	DIRECTOR JOAQUIM MANSO	Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Edição, impressão e transporte RUA LUZ SORIANO, 48 TELEFONES - 2 0271, 2 0272 e 2 0273 Endereço telegráfico: DIBDA
--	----------------------------------	--

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O trono de Santo António tem a sua liturgia e o seu ritual. Mas para o trono ser tradicional e justificar o pedido dos «cinco retzinhos para o Santo António» não é preciso trono, nem palmãos, nem cirios nem sequer santo. Basta uma criança que pede «cinco retzinhos para o Santo António» e a imaginação de que existe o Santo.

NOITE DE SANTO ANTONIO

MARCHAS POPULARES, BAIRROS EM FESTA E O REVIVER DAS TRADIÇÕES

Lisboa festeja, como todos os anos, a noite de Santo António. Como novidade, oferece-se o espectáculo das marchas populares, com suas musicas, canções, centos de pares de namorados, bailes e descantes, no Parque Mayer, esta noite. O Bairro Alto, o Alto do Pina e Campo de Ourique descem á Baixa e encherão as ruas de movimento, de colorido, de alegria e de interesse popular.



A poesia de Santo António, como a de S. João e S. Pedro, que existiram dois seculos antes, contém-se num vaso de barro vermelho (se for de prata já é prosa), um mangueira lamantino (se for crescido não tem graça) e numa quadra de fé quebrado (se for perfeita não é de Santo António).



Vinho e agua fresca, captiês (com a condição de levar limão) e pirilhões (com a clausula expressa de serem bebidos pela parafusa) — são portentos das vespertas e noites deste «Fios sanctorum». Ha tambem pevides, tremonças e bolos do ano passado. Isto porém não oferece solenidade nem mata a sede.





A alcaçojra é um simbolo: mesmo mesmo quando não ha alcaçojras queimam-se alcaçojras, sob a forma parabolica de desfolhar um nalmquer. O amor, como o povo o vê, é sempre um jogo.



Lá vai o balão ao ar... se ele vai, deixa-lo ir... Juntaram-se as mãos todas para ver o balão subir



A corneta, o pucaro de barro, o bôião de côres, a dica de rabiar — são tudo atributos inerentes á liturgia popular dos Santos do mês de Junho. Se houver tudo isto noutra quadra do ano, passa á categoria das inutilidades desgraçadinhas.

Figuras 19 e 20 - Fotografias dos ensaios das marchas populares de 2013 da Mouraria



Fonte: Fotografias tiradas pela autora da tese

Figura 21 – Crianças a imitar os seus parentes na coreografia das marchas populares de 2013

Figura 22 – O entusiasmo do público



Fonte: Fotografias tiradas pela autora da tese

Figura 23 - Carrinha a descarregar mercadorias, à porta do C.C. da Mouraria



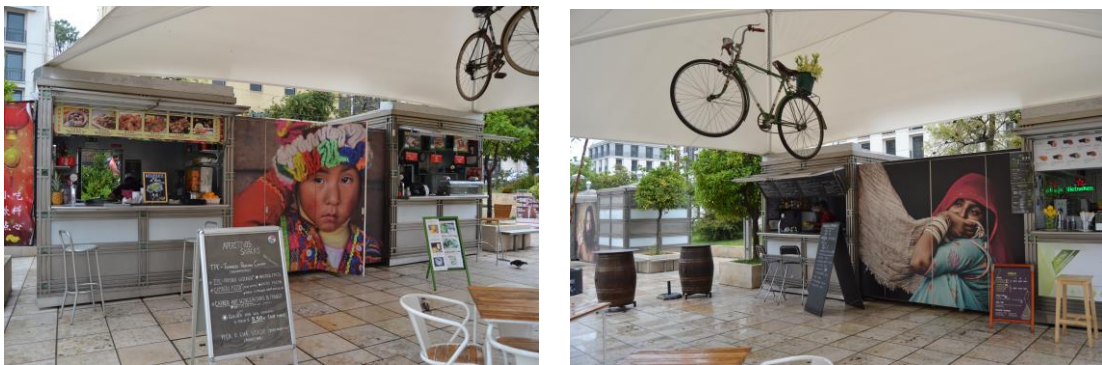
Fonte: Fotografia tirada pela autora da tese

Figura 24 - Mercado de Fusão na Praça do Martim Moniz



Fonte: Fotografia tirada pela autora da tese

Figuras 25 e 26 - Fotografias de restaurantes temáticos, na Praça do Martim Moniz



Fonte: Fotografias tiradas pela autora da tese

Figuras 27 e 28 - Evento gastronómico (do festival TODOS de 2010) de vários países



Japão



Cabo Verde

Fonte: Fotografias tiradas pela autora da tese

Figura 29- Fotografia da Orquestra TODOS, num evento em 2013, no Intendente



Fonte: Fotografias tiradas pela autora da tese